

**UNESP – Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília**

Emerson Filipini de Lima

AUTORIDADE E FORMAÇÃO

**Marília
2012**

UNESP – Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília

Emerson Filipini de Lima

AUTORIDADE E FORMAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE da Universidade Estadual Paulista- Unesp- Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Sinésio Ferraz Bueno

Marília
2012

Dr. Alonso Bezerra de Carvalho

Dr. Ari Fernando Maia

Dr. Sinésio Ferraz Bueno

Marília, 03 de julho de 2012

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a minha família, principalmente minha mãe, pelo incentivo, apoio e carinho; sem eles este trabalho não seria possível.

Agradeço a minha namorada Mychelly Rive pela paciência e companheirismo em todos os momentos, tornando meus dias mais felizes.

Agradeço ao meu orientador Dr. Sinésio Ferraz Bueno pelas orientações que muito me auxiliaram no desenvolvimento da dissertação.

Agradeço a todos os amigos que fizeram parte desta etapa tão importante de minha vida, por todas as experiências vividas, todos os momentos de alegria e descontração, todas as lições aprendidas.

E finalmente agradeço a FAPESP pelo auxílio financeiro, possibilitando maior tempo e tranquilidade para aos estudos.

“Embora eu não desconheça que a individualidade não se forme de outra maneira senão seguindo um processo de adaptação e socialização, tanto mais, por outro lado, considero como uma obrigação e uma prova de individuação que esta vá além da adaptação.” (ADORNO, 1993, p.137)

Resumo:

Pretendemos compreender o conceito de formação (*Bildung*), analisando seu significado segundo a tradição do pensamento alemão, e entender como esta tradição influenciou o pensamento de Adorno sobre o tema. Refletiremos também sobre o conceito de *autoridade*, recorrendo a Horkheimer explicaremos como a figura de autoridade é fundamental para o surgimento, organização e manutenção da sociedade, e ainda explicaremos o importante papel das figuras de autoridade no processo de formação. No decorrer do trabalho daremos atenção especial para a instituição familiar, como a primeira instituição de socialização para os indivíduos, explicaremos também as mudanças que sofreu durante a passagem do capitalismo liberal para o tardio. Essas mudanças têm grande impacto na formação, pois, a partir da perda de autoridade da família no capitalismo tardio, vemos a consequente fragilização da individualidade. Influenciado pela psicanálise de Freud, Adorno faz uma crítica social muito profunda, mostrando como acontecimentos políticos e econômicos influenciam na vida dos indivíduos, pois, influenciam a estrutura familiar e estão ligados ao processo de formação, influenciando consequentemente na estruturação do aparato psíquico dos indivíduos (criação do superego), tendo reflexos em sua personalidade e comportamento. Para finalizar buscaremos compreender o movimento histórico do declínio da autoridade no último século e suas consequências, ou seja, a fragilização da individualidade e como a indústria cultural ocupou o lugar das figuras tradicionais de autoridade, massificando assim o processo de semiformação na sociedade atual.

Palavras chave: Teoria Crítica, Adorno, primeira infância, formação, autoridade.

Abstract:

We pretend to understand the concept of formation (Bildung), analyzing its significance in the tradition of German thought, and understand how this tradition has influenced the thinking of Adorno on the subject. We also will reflect on the concept of authority, using Horkheimer explain how the figure of authority is crucial for the development, organization and maintenance of society, and also explain the important role of authority figures in the training process. In the course of the work we'll give special attention to the family institution, as the first institution of socialization for individuals, explain the modifications also suffered during the passage of liberal capitalism to late capitalism. These changes have great impact on the formation, from the loss of authority of the family in late capitalism, we see the consequent weakening of individuality. Influenced by Freud's psychoanalysis, Adorno makes a very deep social criticism, showing how political and economic influence in the lives of individuals, therefore, influencing the familiar structure and are linked to formation process, consequently influencing the structuring of the psychic apparatus of the individuals (creation of the superego), and reflections on their personality and behavior. Finally we will seek to understand the historical movement of the decline of authority in the last century and its consequences, in other words, the weakening of the individuality and how the culture industry has taken the place of the traditional figures of authority, massifying like that the process of semi-formation in society today.

Keywords: Critical Theory, Adorno, Formation, Authority, First Infancy.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1- O conceito de formação (<i>Bildung</i>).....	15
1.1 Semiformação.....	21
Capítulo 2- Conceito de autoridade.....	30
2.1- O papel da autoridade na formação.....	34
2.2 - Aproximações entre Adorno e Hannah Arendt nas reflexões sobre o conceito de autoridade.....	42
Capítulo 3– A família e sua importância na constituição dos indivíduos.....	47
3.1 A situação da família no capitalismo liberal.....	49
3.2 A situação da família no capitalismo tardio.....	52
Capítulo 4- O declínio da autoridade e suas consequências no processo formativo.....	58
4.1 Os mecanismos de identificação e projeção, e suas formas corrompidas.....	59
4.2 A Indústria cultural e os novos modelos de identificação.....	63
Considerações finais.....	71
Referências.....	74

INTRODUÇÃO

No ano de 1922, o estudioso Felix J. Weil, doutor em ciências políticas pela Universidade de Frankfurt, concebeu a ideia de um instituto onde pudesse ser realizado o estudo independente da obra marxista, ou seja, algo que não estivesse vinculado a atividades partidárias ou nenhum tipo de ativismo político, mas tivesse como prioridade o compromisso com o estudo teórico. Apoiado por amigos, entre eles Friedrich Pollock e Max Horkheimer que foram elementos muito importantes para a criação e sustentação do instituto, Weil cria oficialmente em 1923, na cidade de Frankfurt, o Instituto de Pesquisa Social com a ajuda financeira de seu pai e de outras doações.

O instituto possuía independência financeira e intelectual, foi formado por estudiosos de varias áreas como filosofia, sociologia, economia e história, o que era objetivo de seus fundadores. Em 1933, com a elevação dos nazistas ao poder na Alemanha o futuro do instituto de tendências marxistas era incerto, portanto seus membros se exilaram primeiramente na Inglaterra, França e Suíça, posteriormente foram para os Estados Unidos.

Os pesquisadores do instituto, que eram em sua maioria de famílias judias, foram surpreendidos pela vitória do nazismo na Alemanha, este acontecimento influenciou os objetos de estudo do instituto em seu período de exílio.

Una intensificación de sus exploraciones de la crisis de capitalismo, al colapso de liberalismo tradicional, la creciente amenaza autoritaria y otros tópicos relacionados parecían la mejor contribución que ellos podían hacer para derrotar a los alemanes. (JAY, 1986, p. 82)

Motivados pelos acontecimentos na Europa, um dos temas mais importantes que a Teoria Crítica trabalhou foi a questão dos regimes autoritários e a ascensão do fascismo ao poder no velho continente. Na verdade, antes mesmo da ascensão do nazismo a Teoria Crítica já se voltava sobre questões relativas a autoridade; Horkheimer havia iniciado, em 1930, um projeto que se propunha a estudar a mentalidade dos trabalhadores da República de Weimar. “La Teoría Critica se desarrolló parcialmente como respuesta al fracaso del marxismo tradicional para explicar la renuencia del proletariado a desempeñar su rol histórico.”(Jay, 1986, p.198)

Como resultado deste estudo se constatou que dez por cento dos trabalhadores entrevistados possuíam um caráter “autoritário”, uma síndrome que motivaria outros estudos posteriores. Outros quinze por cento demonstravam uma postura antiautoritária, e o restante demonstrava possuir uma postura ambígua. Destes dados se concluiu que a população trabalhadora alemã realizaria uma fraca oposição caso houvesse a tomada de poder pela direita, e na realidade poucos anos depois a população alemã se submeteu sem maior resistência ao regime nazista. Este estudo não foi publicado devido a divergências entre Eric Fromm e Horkheimer, o primeiro superestimou o valor do trabalho, enquanto Horkheimer entendeu que o método da pesquisa e da construção dos questionários foi superficial.

O *Estudo sobre Autoridade e Família* foi o trabalho que se seguiu, na introdução do estudo se esclarece que “el problema de la autoridad y la familia no estaba en el centro de una teoría de la sociedad, merecía no obstante um serio estudio a causa del rol fundamental de la familia al mediar entre la subestructura material y la superestructura ideológica.” (Jay, 1986, p.210)

Este estudo de Horkheimer se divide em três partes, existe uma introdução geral onde se fala sobre a importância do tema e como o a família está diretamente ligada com a estrutura social econômica, existindo uma relação recíproca entre elas; uma segunda parte fala sobre o desenvolvimento da autoridade no mundo burguês e sobre a existência de contradições entre os ideais filosóficos da burguesia, que primavam pela razão contra as autoridades tradicionais, e a sua submissão perante a autoridade irracional de seu sistema econômico. Na terceira parte as reflexões se voltaram para a família e seu papel no processo de socialização, também analisando as diferenças existentes na família durante o período do capitalismo liberal e posteriormente no capitalismo monopolista.

Por capitalismo liberal compreendemos o período inicial do sistema capitalista, quando predominavam as leis da livre concorrência, da oferta e procura, neste período existiam em grande número os negócios de família e pequenas empresas, o estado não deveria intervir na economia e existia maior liberdade para os empresários; já no capitalismo monopolista ocorre o acúmulo de capital e conseqüentemente de poder em determinados grupos econômicos e empresas, ou seja, existe o monopólio do poder, estes conglomerados, ou trustes, passam a controlar a economia.

No período liberalista a autoridade paterna se justificava por sua situação de provedor econômico e por sua superioridade física; entretanto no capitalismo tardio o poder paterno diminui, sua autoridade na família se apresenta mais irracional, e ela é

transferida para outras instituições. Isto gerou consequências na formação dos indivíduos, e foi um dos motivos que possibilitou a tomada de poder por regimes totalitários, isto será melhor explicado no decorrer do trabalho. É por estas razões que os estudos sobre a autoridade tiveram grande importância para a Escola de Frankfurt.

Para Adorno, Horkheimer, e outros membros do Instituto, a luta de classes não era mais um alicerce para o estudo da sociedade, das relações de autoridade e dominação, o que demonstra seu afastamento do marxismo ortodoxo. Existia também um ceticismo, por parte dos frankfurtianos, com relação ao proletariado e seu papel revolucionário, isto porque eles não estavam intelectualmente e materialmente preparados para realizar a revolução. “El foco se concentraba ahora sobre el conflicto más amplio entre el hombre y la naturaleza tanto exterior como interior...” (Jay, 1986, p.413) Os pensadores do Instituto também se interessavam pela psicologia, ela poderia auxiliar na compreensão da complexa relação entre homem e natureza, pois com o domínio da natureza exterior também ocorre o domínio da natureza interior, ou seja, a repressão de pulsões.

Segundo a psicanálise, quando as crianças nascem elas buscam satisfazer apenas seus próprios instintos, pois não possuem naturalmente nenhuma consciência moral, sua capacidade racional não está totalmente desenvolvida e não compreendem que estão inseridas em uma sociedade, portanto é necessário socializá-las, ou seja, transmitir valores e regras para a vida social. Horkheimer argumenta que a base da criação e manutenção das sociedades, da socialização e a adaptação dos homens aos modos de vida existentes tem como base a coação.

A chamada natureza social, o integrar-se numa ordem estabelecida, mesmo que se justifique pragmática, moral ou religiosamente, origina-se em essência da recordação de atos de coação, pelos quais os homens se tornam “sociáveis”, civilizados e que ainda hoje os ameaçam se por acaso se tornarem por demais esquecidos. (HORKHEIMER, p.182, 1990)

Assim, podemos entender que do mesmo modo que a criança precisa, durante seus primeiros anos de vida, internalizar regras e normas sociais, as sociedades antigas também passaram por um processo civilizador no desenrolar da história, para que as pulsões naturais fossem dominadas em detrimento de um comportamento racional.

Nas sociedades primitivas a coação se dava principalmente através da força e violência, contudo Horkheimer também expõe que “no curso da evolução – ao menos para certos períodos economicamente marcantes – a crueldade e a publicidade das punições podiam ser abrandadas” (1990, p.183), nestes momentos a violência é substituída pela

internalização das normas através de características culturais de cada sociedade, como a religião e a moral. Portanto, o processo de formação da sociedade e dos homens foi se modificando, deixando a violência física de lado e ocorrendo através da internalização.

Podemos notar que a sociedade sofreu grandes mudanças no decorrer dos últimos séculos, como a Revolução Francesa que influenciou a vida política de todo o mundo com os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade e sua postura contra a opressão da aristocracia real; a revolução industrial que influenciou o modo de trabalho; as grandes guerras mundiais e os regimes totalitários que existiram na Europa, fazendo os homens pensarem sobre o horror que foram capazes de produzir; o surgimento da indústria cultural e das grandes inovações tecnológicas acontecendo de modo mais acelerado e influenciando o modo de pensar e os hábitos da sociedade com a TV, rádio, internet, e vários aparelhos eletrônicos que hoje fazem parte de nosso cotidiano.

Perante tais acontecimentos a vida em sociedade se transformou, a violência física não é mais o modo pelo qual acontece a socialização dos indivíduos, ela foi substituída por um processo de relação com autoridades e internalização de leis, porém, a violência se mostrou ainda presente durante os regimes totalitários e guerras, o que mostra o quão complicada é a dinâmica psicológica do indivíduo, e como a questão da repressão de sua energia pulsional deve ser melhor compreendida para que possamos tentar prevenir a ocorrência de episódios como estes no futuro.

Modificaram-se as relações sociais e o modo como ocorre a formação dos indivíduos para a vida social, esta formação vem se tornando uma tarefa muito complexa. Sua base era familiar no início do séc. XX, porém a própria família se modificou, modificando assim todo o processo formativo, e este atravessa um momento de crise na contemporaneidade.

As famílias de hoje estão passando por grandes mudanças (inclusive mudanças estruturais), os pais, quando estão presentes na criação de seus filhos, em muitos casos não impõem respeito como antigamente, não têm a mesma figura de autoridade, e um dos motivos seria a sua impotência econômica, isto será melhor explicado posteriormente.

Todos estes fatores alteram o modo como ocorre a mediação entre as crianças e jovens com o mundo, modificando assim a formação cultural e a estrutura psicológica dos mesmos, podendo ocasionar danos irreversíveis, desestruturando todo o processo de formação e deixando o indivíduo como um alvo fácil das instâncias dominadoras da sociedade contemporânea, como o trabalho alienado e a indústria cultural. Como resultado desta formação danificada vemos uma grande incidência de violência na atualidade,

mostrando que a sociedade vem produzindo individualidades fragilizadas, pessoas com personalidade autoritária, violentas e preconceituosas.

Sob o ponto de vista da Teoria Crítica, e aqui mais especificamente o de Adorno, a origem histórica dessa formação danificada remete-se à passagem do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista, quando a importância da família diminui e a pressão exercida pela infraestrutura econômica cresce, assim como cresce a influência da indústria cultural sobre os hábitos e opinião das pessoas. As figuras de autoridade paterna e materna muitas vezes não acompanham a rapidez das inovações tecnológicas, ou da mudança de ideias e comportamentos propagados pela indústria cultural; isto contribui para que sejam vistos pelos jovens e crianças como algo ultrapassado, e não como modelo a ser seguido.

Com o passar do tempo a formação cultural se modificou assim como toda a sociedade, e as mudanças deixaram de lado a antiga ideia de autoridade, que soa na contemporaneidade como algo antiquado, ultrapassado; contudo, esta situação foi um dos fatores que contribuíram para o enfraquecimento da formação, pois sem a força da autoridade já não existe o mesmo aprofundamento na cultura, além disso, na atualidade a própria cultura se transforma em mercadoria através indústria cultural.

Era a autoridade que fazia a mediação entre o sujeito e a tradição permitindo o conhecimento e a elaboração de seu passado e de sua herança intelectual. Era a relação com a tradição e com a cultura, mediada pela autoridade, que contribuía com a constituição da subjetividade, esta, segundo Adorno, era formada pela existência da experiência e do conceito.

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações... O conceito fica substituído pela subsunção imperativa a quaisquer clichês já prontos, subtraídos à correção dialética, que descobre seu destrutivo poder nos sistemas totalitários. (ADORNO, 2010, p.33)

Nossa intenção não é defender que hoje as pessoas devam aprender pelos mesmos métodos antigos em que se decoravam trechos e versos de livros e poemas, ou que devamos voltar a constituir famílias com uma estrutura patriarcal, pois este modelo de formação também possui vários problemas, o que queremos explicar é que passamos de uma situação problemática para outra que também possui complicações.

Esta tradição e este tipo de autoridade do nosso passado recente entraram em decadência, porém, o processo de rompimento total com a tradição e com as figuras de autoridade contribuiriam para o enfraquecimento da individualidade, pois aquele contato, mesmo que obrigatório, com os grandes clássicos da literatura e da música servia como um alimento para o espírito, e favorecia de maneira fundamental o processo de formação. Este aprofundamento na cultura estava entrelaçado com a autonomia e a liberdade, pois, é a partir dele que o sujeito desenvolve sua capacidade cognitiva, se tornando consciente sobre a realidade opressora, só assim alcançando autonomia e liberdade.

Para uma melhor ordenação das nossas ideias vamos apresentar resumidamente os quatro capítulos da dissertação: no primeiro capítulo pretendemos analisar o conceito de *formação* (*Bildung*), levando em conta sua significação e evolução no interior da história do pensamento alemão, que influenciou o entendimento de Adorno sobre o que constituiria a formação, e o conceito de *semiformação*, este último seria a forma corrompida do processo formativo no capitalismo tardio. No segundo capítulo analisamos o conceito de *autoridade*, recorrendo a Horkheimer explicaremos como a figura de autoridade é fundamental para o surgimento, organização e manutenção das sociedades, e também explicaremos o importante papel das figuras de autoridade no processo formativo. No terceiro capítulo daremos atenção especial para a instituição familiar, como a primeira instituição de socialização para os indivíduos, explicaremos também as mudanças que sofreu durante a passagem do capitalismo liberal para o tardio. No quarto capítulo vamos compreender o movimento histórico do declínio da autoridade no último século, e suas consequências, ou seja, a indústria cultural ocupando o lugar das figuras de autoridade, massificando assim o processo de semiformação na sociedade atual.

CAPÍTULO 1

O CONCEITO DE FORMAÇÃO (*Bildung*)

Para compreender o significado de formação devemos entender que este se trata de um amplo processo através do qual os indivíduos se tornam civilizados, isto ocorre por meio de suas experiências, através da mediação que é feita entre o indivíduo e a cultura de sua sociedade, e também pelo modo particular como ele absorve esta cultura. Ainda refletiremos neste capítulo sobre o conceito de semiformação, segundo Adorno na sociedade atual não ocorre mais a formação e sim a semiformação, que é seu oposto.

Adorno foi um pensador alemão, o termo utilizado por ele foi *Bildung*, é o significado deste termo que iremos estudar, pois sua tradução portuguesa “formação” não abarca todo seu significado.

O termo formação cultural está intrinsecamente adjudicado com cultura (*Kultur*); são praticamente equivalentes. Só que enquanto *Kultur* tende a se aproximar das realizações humanas objetivas, *Bildung* vincula-se mais às transformações decorrentes na esfera subjetiva. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2000, p.122)

Os comentadores Zuin, Pucci e Oliveira traduzem *Bildung* como formação cultural, pois ela esta intrinsecamente ligada ao conceito de cultura, eles ressaltam que a diferença entre os termos seria que a cultura se refere mais explicitamente às realizações objetivas do homem, como livros, músicas, danças, obras de arte; já a formação cultural é a transformação interior do homem em sua relação com a cultura, ou seja, como esta influencia em seu desenvolvimento e em sua personalidade.

Segundo Willi Bolle o conceito formação ganha uma importância muito grande na Alemanha do fim do século XVIII, a partir deste século ele deixa de estar sob a influência da doutrina cristã onde era compreendido como uma moldagem exterior, ou a busca de se igualar a uma forma exterior, e entra em contato com o pensamento iluminista alemão, passando a significar uma construção individual e interior.

Para Bolle o pensador responsável pela ampliação do conceito de formação foi Herder:

O vôo emancipatório da idéia de formação ocorreu com Herder. O conceito de *Bildung* começou a adquirir maior peso e vida próprio em relação à “educação”, sempre que entraram em jogo o cuidado, o

desenvolvimento e o desabrochar das forças psíquicas e as energias do coração e de bom gosto. (BOLLE, 1996, p. 17)

Apesar de não ter sido influenciado diretamente por Herder, Adorno pensa o conceito formação em seu peso semântico da tradição alemã, portanto, podemos dizer que ela não ocorre apenas no interior da escola, não tem o caráter sistemático e obrigatório das atividades escolares, pois não se limita à educação (educação sendo compreendida como um processo que tem a finalidade transmitir determinado conteúdo, determinado conhecimento ou habilidade).

Bolle também difere formação de erudição, esta última estaria relacionada com o acúmulo de informações e conhecimentos diversos, acreditamos que este acúmulo de informações também faça parte da formação, porém ela não se resume a isto, a formação está relacionada com a apreensão viva do conhecimento, ou seja, não apenas a interiorização passiva de informações, deve existir também a reflexão crítica do conteúdo, conforme será esclarecido mais adiante.

Deste modo compreendemos que a formação é um processo amplo, ocorre por meio das experiências do indivíduo no decorrer de sua vida, influenciando seu desenvolvimento intelectual, psíquico e sua personalidade. Seja pela influência dos indivíduos com quem convivemos ou pela cultura e hábitos do próprio ambiente em que vivemos, a todo o momento somos alvo de informações e ideologias; “a formação nada mais é que a cultura tomada pelo seu lado subjetivo”(Adorno, 2010, p. 9), ou seja, a formação ocorre na maneira particular do sujeito se relacionar com a cultura, como ela o afeta e como ocorre a elaboração individual das informações, conhecimentos e ideologias que circulam no interior da sociedade.

O grande problema é que na sociedade contemporânea esta influência da cultura ocorre na maioria das vezes de maneira inconsciente, no decorrer de nossa vida vamos interiorizando idéias e hábitos sociais, ou seja, a personalidade passa a ser moldada a partir de seu exterior, porém, muitas vezes esta interiorização de idéias e hábitos é nociva à vida dos próprios indivíduos e conseqüentemente da sociedade como um todo.

A seguir, e assumido o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de *educação*. Evidentemente não a assim chamada moldagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. (ADORNO, 2006, p. 141)

Nesta citação Adorno se refere à educação, contudo, a educação é uma parte do processo formador, vemos que a educação não deveria ocorrer de maneira heterônoma, sua função deveria ser a produção de uma *consciência verdadeira* (isto deveria ser o fim do processo formativo como um todo), ou seja, os sujeitos devem perceber sua relação com o ambiente de forma crítica, não aceitando tudo o que é apresentado de forma imediata e sem reflexão. Podemos relacionar este estado de consciência verdadeira com a atitude filosófica, através desta postura ocorre o estranhamento da realidade, dos fenômenos naturais e sociais, e a busca por uma compreensão racional da realidade, compreensão que não se baseie em mitos ou opiniões superficiais.

É esta consciência verdadeira que possibilita a emancipação, a capacidade de julgar, decidir por si próprio o que é bom ou mal sem se deixar influenciar por outrem. É claro que de um ponto de vista psicológico não se pode rejeitar a tese de que somos influenciados em certa medida por situações, pessoas ou ideias com as quais nos identificamos, porém em um estado de consciência verdadeira essa influência não deveria ter a primazia no controle de nossas ações e pensamentos.

Percebemos neste ponto a forte influência do pensamento kantiano em Adorno. Quando Kant discorre sobre os conceitos menoridade e maioridade em seu texto *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* ele está falando também em consciência verdadeira e emancipação, pois a menoridade pode ser definida como “a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (Kant, 1985 p.100), já a maioridade seria como este estado de consciência verdadeira, a capacidade de ajuizar algo por si próprio. Segundo Kant não basta ter capacidade, mas também é preciso coragem para fazer o uso de sua razão, pois o peso da emancipação, ou maioridade, é bem maior do que o da menoridade. No primeiro caso o homem se faz responsável por suas ações, no segundo adota uma postura passiva e se exime de culpas.

É importante compreender que a ideia de formação para a autonomia é uma construção social que ocorre juntamente com emancipação da burguesia frente a nobreza, ela é produzida inicialmente dentro do ideal de formação burguês durante o apogeu do liberalismo no séc. XVIII. Neste período a burguesia alemã adotou uma postura de valorização da cultura.

os membros da classe burguesa alemã, espalhados nas figuras dos servidores civis, administradores e, principalmente, clérigos e professores afastaram-se das atividades políticas propriamente ditas. Isso não significa que suas opções não implicaram uma transformação social, pois a própria

rotulação da Alemanha como a pátria dos ‘poetas e pensadores’ já denota uma alteração no plano político, na sua práxis social modificada. (ZUIN, 1999, p.23)

Este distanciamento da política e economia se deve principalmente ao fato de que a burguesia alemã havia passado por um fraco desenvolvimento comercial no século XVIII. É neste ambiente em que o pensamento se recolhe ao plano das artes, dos livros e da erudição, que se constrói o conceito de formação (*Bildung*).

“A formação era tida como condição implícita de uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo” (Adorno, 2010, p.13). Horkheimer (1990, p. 194) também argumenta neste sentido, dizendo que no século XIX os burgueses não aceitavam mais a submissão aos regimes absolutistas dos príncipes e reis, esta submissão outrora foi aceita, mas o pensamento burguês passa a se rebelar contra isto e entende que a razão de cada indivíduo é *fonte legítima de direito e verdade*. Deste modo o processo de formação neste período também se transforma, existe a preocupação em se difundir a razão entre os indivíduos, esta é umas das principais bandeiras do pensamento iluminista, que é apoiado pela burguesia.

Bruno Pucci (1998, p. 90) em seu livro *A educação danificada* explica bem o espírito deste pensamento iluminista: “ser autônomo sem se deixar submeter; submeter-se sem perder a autonomia”. Ou seja, a autonomia está relacionada com o saber distinguir entre os momentos de obediência e os momentos da ação livre.

Adorno, influenciado por estas ideias iluministas define a educação da seguinte forma:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 2006, p. 143-144)

Diante desta relação entre autonomia e submissão do indivíduo no interior da sociedade compreendemos que o processo de formação é dialético, possui uma tensão em seu interior. Ao mesmo tempo em que o processo formativo deveria desenvolver os homens para a autonomia, ou seja, torná-los capazes de se mobilizar, agir e pensar por si

próprios, ele também deve deixar o homem apto a viver em sociedade, sendo capaz de assimilar alguns preceitos necessários para sua inserção na vida social.

No final da citação anterior, quando Adorno expõe essa ambiguidade, esclarecendo que talvez ela não possa ser superada no existente, nos parece que essa impossibilidade ocorre porque a sociedade existente é ela própria ambígua, ou seja, apesar de se propor a formar seus cidadãos para a autonomia e liberdade, isto não acontece devido a condições de desigualdade material. Grande parte da população não tem acesso aos bens materiais e à cultura produzida, porém, Adorno ressalta que não podemos nos desviar desta ambiguidade, ou seja, ela deve ser algo consciente para os indivíduos, e estes devem procurar superá-la.

Kant pode nos esclarecer esta questão quando argumenta que não estamos em uma sociedade esclarecida, mas sim em uma sociedade em esclarecimento, isto porque a sociedade de sua época, século XVIII, ainda não estava em um estado de pleno desenvolvimento, “ainda faltava muito para que os homens fossem considerados emancipados, ou seja, capazes de fazer um uso seguro de seu próprio entendimento sem o controle abusivo de seus respectivos tutores.” (Zuin, 1999, p.21), mas caminhava rumo ao desenvolvimento. Adorno pensa do mesmo modo sobre a sociedade atual, existem elementos que podem favorecer a liberdade e o esclarecimento, mas também existem elementos que nos alienam e oprimem.

Compreendemos que o processo formativo dentro de uma sociedade ambígua também é ambíguo, mas isto não significa que devemos nos conformar ou aceitar os momentos de injustiça e opressão presentes na sociedade, devemos encarar tais contradições, refletir sobre elas e buscar superá-las. Kant, quando fala sobre a educação em seu texto *Sobre a Pedagogia* explica que:

Não se devem educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro... De modo geral, os pais educam seus filhos para o mundo presente, ainda que seja corrupto. Ao contrário, deveriam dar-lhes uma educação melhor, para que possa acontecer um estado melhor no futuro. (KANT, 1996, p.23-23)

Esta tensão no processo de formação não está mais presente durante capitalismo tardio, na atualidade ainda ocorre o que foi dito na citação, se educam os filhos para o mundo presente, existe o predomínio da adaptação em detrimento da autonomia, isto devido à pressão da ordem social sobre o indivíduo, esta pressão o deforma, trazendo à

tona algo que se acreditava estar controlado, a barbárie, como resultado desta situação de repressão.

Mas, se esta tensão se desfaz, instala-se uma hegemonia unilateral e seu âmbito impede elevar-se, por decisão individual, acima do dado, do positivo, e, da pressão que exerce sobre os homens, neles se perpetua a deformidade que se pensava dominada, a agressão. Tal é, conforme Freud o vê, a razão do mal estar que a cultura carrega em si. (ADORNO, 2010, p. 11)

A repressão das pulsões é característica marcante de nossa sociedade, o superego é responsável pelo policiamento das pulsões eróticas e agressivas, as impedindo de emergir. Aí está a raiz do mal-estar explicado por Freud, o homem é deformado pela pressão do todo social, devendo se adaptar e aceitar suas condições de existência, se submeter a padrões de comportamento e leis.

Embora se busque maneiras do homem viver no interior da sociedade visando sublimar seus desejos pulsionais reprimidos eles continuam presentes e a tensão existente entre eles e as exigências da vida civilizada gera o sentimento de culpa, este é incitado pela tensão interna das pulsões reprimidas pelo superego. “A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição” (Freud, 1976 B, p.146). O superego reprime a agressividade latente (inconsciente) do sujeito gerando um sentimento de mal estar, essa agressividade é reprimida porque vai contra as leis sociais internalizadas pelo superego.

Segundo Freud (2011, p. 27) as sensações de mal estar, ou desprazer, buscam a mudança, anseiam descarregar sua energia, enquanto o prazer tende a diminuir o investimento de energia, no desprazer ocorre o oposto. Portanto, ao mesmo tempo em que o indivíduo deseja inconscientemente descarregar seu desejo pulsional de agressividade o superego o reprime no interior do sujeito, como forma de punição se desenvolve o sentimento de culpa que também é inconsciente, este “tem papel decisivo, em termos econômicos, num grande número de neuroses, e ergue os maiores obstáculos na direção da cura” (Freud, 2011, p.33-34), este sentimento seria o mal estar presente na civilização.

Segundo Pucci a proposta de Adorno nesse ambiente onde se privilegia a adaptação em detrimento da autonomia, “é a recriação da tensão entre esses dois momentos antagônicos e complementares” (PUCCI, 1998, p.92). É necessário que exista uma consciência desta tensão, porém, na sociedade da semiformação ela é dificultada, as pulsões são canalizadas de outras formas como, por exemplo, as manifestações de barbárie

ocorridas no último século, e que ainda ocorrem na atualidade (guerras, violência, criminalidade, preconceito, etc.).

1.1 Semiformação

É importante compreender a diferença entre a semiformação e a não formação. A semiformação é pior do que a não formação, pois, impõe uma série de preconceitos e conhecimentos superficiais na relação entre os sujeitos e os objetos, dificultando assim a compreensão da realidade de modo crítico, através dela o indivíduo acredita possuir um conhecimento pronto e acabado sobre a realidade quando na verdade não possui, já a não formação, ou incultura, deixa uma possibilidade de reflexão crítica através do contato com a realidade sem imposição de preconceitos ou informações superficiais. “No *não-saber* há uma predisposição do homem para a busca do *saber* [...] No *semi-saber* a pessoa se julga sabedora e se fecha às possibilidades de *sabedoria*” (PUCCI, p.98). Portanto a semiformação não é algo como uma formação pela metade, mas sim a sua antítese.

No livro *Dialética do Esclarecimento*, escrito em conjunto por Adorno e Horkheimer, os autores refletiram sobre as raízes do esclarecimento (esclarecimento sendo entendido aqui como o processo de transformação do pensamento humano no decorrer da história, sua passagem da fase de explicações míticas sobre os fenômenos naturais até a racionalidade técnica), demonstrando antes de qualquer coisa que esse esclarecimento acontece através da forma como ocorre a relação entre o homem e a natureza, ou, a tentativa do homem de se emancipar da submissão perante as forças da natureza por meio da razão. Contudo, esse processo de esclarecimento que visa abandonar o modo mítico de pensamento e tende para a racionalização acaba recaindo também no mesmo modelo mítico, pois esta explicação racional ratifica as bases e formas que já existiam no mito, apenas lhes dando nova roupagem. Podemos encontrar no mito algumas características em comum com as ciências racionais, estas seriam: a intenção de explicar a natureza, a paralisação da natureza e sua submissão a regras e leis universais.

Adorno e Horkheimer citam Francis Bacon, uns dos precursores do pensamento moderno, dizendo que “poder e conhecimento são sinônimos”, este poder que julga dominar a natureza não deixa mais espaço para dúvidas ou pontos obscuros. Porém surge um problema da equiparação entre poder e conhecimento, seria o fato de que o conhecimento não tem mais consciência de si próprio ao se limitar ao uso pragmático na luta pela dominação da natureza, ou seja, o conhecimento se transforma em algo mecânico,

restringido a determinadas regras e com finalidades imediatistas, ocorre a fetichização do conhecimento.

A questão da semiformação está diretamente relacionada com a fetichização da ciência, ou do conhecimento de modo geral, ou seja, o fato de se considerar que a importância do conhecimento científico se encerra nele mesmo, não possuindo uma finalidade para além do próprio processo científico, em outras palavras, um conhecimento especializado ao extremo, que busca apenas estar de acordo com suas normas e regras.

Outrora, enquanto exigência de nada aceitar sem verificação e comprovação, ela [a ciência] significava liberdade, emancipação da tutela de dogmas heterônimos. Atualmente ciência se converteu para seus adeptos em uma nova forma de heteronomia, de modo que chega a provocar arrepios. As pessoas acreditam estar salvas quando se encontram conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam de ciência. (ADORNO, 2006, p. 70).

Este conhecimento fetichizado perde abrangência e profundidade ao se fechar em si mesmo, é isto o que ocorre na semiformação, o indivíduo se fecha em suas “verdades”, normas, preconceitos, estes impedem o desenvolvimento de um conhecimento mais profundo, que se estabeleça através da elaboração das informações para a construção de um conhecimento crítico, que penetre além das aparências do dado imediato.

Tendo clara a diferença entre não formação e a semiformação podemos entender a ressalva que Adorno apresenta, em seu texto “Teoria da Semiformação”, dizendo que a apropriação da cultura não implica necessariamente no desenvolvimento autônomo do indivíduo.

Se a cultura for apropriada apenas como um bem, ou uma mercadoria, ela não faz o indivíduo mais sensível e humano. Deste modo ocorre o fetiche da própria cultura, como se a cultura em si mesma fosse um bem e se bastasse. Existiram “pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam encarregar-se tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo.” (Adorno, 2010, p.10). A cultura não é emancipadora em si mesma, ela faz parte de todo um processo de formação que pode, ou não, se direcionar para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Portanto a simples incorporação da cultura sem reflexão de seu sentido, ou seja, a incorporação mecânica da cultura enquanto finalidade em si mesma, faz com que ela perca seu potencial de formação crítica.

Na atualidade, vemos como a semiformação é disseminada a toda população, não apenas aos pobres e explorados, mas também aos exploradores. Zuin, Pucci e Oliveira (2000) explicam que no livro *Dialética do Esclarecimento*, quando Adorno e Horkheimer relacionam a Odisseia de Homero com a pré-história da racionalidade burguesa, especificamente no momento em que Ulisses consegue escapar do canto das sereias, podemos observar como o senhor e seus comandados se tornam alienados.

É emblemática a necessidade de Ulisses em se autolimitar, na medida em que se amarra ao mastro, não podendo se entregar completamente ao apelo sedutor da natureza que cada vez mais se distancia. Já seus comandados também são seres alienados, pois estão surdos e, ao mesmo tempo, submetidos ao controle senhoril [...] Se o escravo se encontra alienado, o senhor também se aliena, pois se o senhor se relaciona com as coisas pela mediação do servo, dependendo sobremaneira desse, abandona o aspecto da independência a ele, que a trabalha diretamente. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2000, p.50)

A autonomia presente na formação se perdeu, a semiformação incentiva a reprodução padronizada da realidade, não estimula os homens à compreensão da sociedade, somente confirma a ideologia que aliena e deixa os indivíduos em situação de heteronomia. Adorno expõe que o próprio ato da construção conhecimento subjetivo foi usurpado do indivíduo no capitalismo tardio pela indústria cultural. “Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção.” (Adorno, 1985, p.117)

O esquematismo kantiano¹, modo pelo qual o indivíduo constrói seu conhecimento da realidade através da apreensão dos dados sensíveis e passa a “referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.145), ou seja, a transformação os dados sensíveis em conceitos, gerando assim o conhecimento, é um serviço antecipado pela indústria cultural. O próprio esquematismo perde sua função, se torna um serviço prestado pela indústria cultural, assim a interpretação da realidade já está pré-fabricada através de clichês, ela é apenas internalizada. Desta forma se impede a “experiência cognitiva” do sujeito, a informação já vem pronta, a realidade já vem rotulada

¹ Segundo Rodrigo Duarte (2009) a filosofia kantiana explica que, não existindo a possibilidade de os dados sensíveis serem abarcados pelas categorias do entendimento sem uma mediação, e, uma vez que a imaginação apesar de ser uma instância intermediária entre as categorias e os dados sensíveis não pode fazer a mediação entre ambos, o esquematismo é o responsável por tal mediação, ele é simultaneamente responsável pela apreensão dos dados empíricos pelo sentido interno e também é da mesma natureza que as categorias que interpretam e organizam estes dados, construindo o conhecimento.

por estereótipos, assim o conhecimento deixa de ser algo construído a partir da reflexão subjetiva, este passa a ser imposto a partir de seu exterior.

No período anterior, e mesmo depois da filosofia iluminista ter formulado a ideia de uma formação cultural para a autonomia os indivíduos se encontram em uma situação de heteronomia, durante a Idade Média era a igreja quem os controlava, depois a aristocracia real, no século XX existiram os regimes fascistas e a indústria cultural.

...a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra. No lugar da autoridade da Bíblia, instaura-se a do domínio dos esportes, da televisão e das "histórias reais", que se apoiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva. (ADORNO, 2010, p. 15)

É importante esclarecer que a formação cultural isoladamente não tem êxito em uma sociedade injusta e exploradora em suas bases, no início do capitalismo a burguesia defendia a ideologia iluminista de igualdade liberdade e fraternidade, porém sua efetivação prática não condiz com tais ideais.

Com a queda do sistema feudal e a progressiva implantação do domínio burguês (séculos XVII, XVIII e XIX), a possibilidade de usufruto dos bens espirituais e da cultura se apresenta mais concreta para a maioria da população.

Porém, de um lado, as consequências da exploração do trabalho e as formas desumanizadas de organização da nova sociedade excluem a massa dos trabalhadores do gozo da formação cultural. (PUCCI, 1998, p.90).

É a própria estrutura social que nega a apropriação dos bens de consumo e da cultura, a sociedade capitalista prega a livre concorrência e a igualdade de direitos entre os indivíduos, porém esta concorrência é injusta e não existe igualdade de direitos, isto devido à enorme discrepância de poder econômico existente entre as diferentes classes sociais, isto já acontecia durante o capitalismo liberal e se agravou no capitalismo monopolista.

as relações materiais capitalistas negam antecipadamente a veracidade dos seus conteúdos ideológicos de igualdade, liberdade e democracia. A abstração da equidade de forças no estabelecimento do contrato social é calcada, na realidade, numa dura discrepância e na injustiça da expropriação das capacidades físicas e afetiva da maioria dos indivíduos... (ZUIN, 1999, p.15)

Wolfgang L. Maar (2008) expõe que “o fundamento material efetivo da semi-formação” está presente nas condições da produção material existentes, “toda a produção material e espiritual é erigida sobre a subsunção do valor de uso ao valor de troca das mercadorias e da divisão desigual entre o trabalho manual e o espiritual.” (Zuin, Pucci, Oliveira, 2000, p.55) Todos se submetem às relações de troca, às leis da economia, até

mesmo a cultura se transforma em mercadoria, ou seja, o próprio sistema de produção no qual os homens estão inseridos exerce uma enorme pressão sobre eles, fazendo com que eles reproduzam a realidade opressora, impedindo qualquer tipo de experiência realmente formadora e impondo uma consciência semiformada.

O processo material de produção se manifesta finalmente como aquilo que era em sua origem, ao lado dos meios de manutenção da vida, na relação de troca: com uma falsa consciência das partes contrastantes uma a respeito da outra, como ideologia [...] Hoje “ideologia” significa sociedade enquanto aparência. (ADORNO, 2007, p.95)

Na década de quarenta Adorno está exilado nos Estados Unidos da América², lá ele está diante de uma sociedade superabundante, onde o conteúdo e o tipo da opressão se modificaram. As pessoas possuíam condições de vida materialmente privilegiadas, florescia um novo mundo dominado pelos ditames do capital e que se valia de novos instrumentos de dominação social, o surgimento do *American way of life*, o surgimento da grande indústria do cinema *holliwoodiano*, o grande crescimento da indústria de eletrodomésticos e com ela a grande quantidade de propagandas difundidas pelo rádio e televisão que incentivavam ao consumo; em resumo, surgia a indústria cultural.

Diante desta situação, de uma vida com melhores condições materiais, as pessoas ainda são manipuladas e oprimidas pela sociedade, porém não têm consciência disto. Elas devem se adaptar às regras e se submeter à ideologia vigente, caso contrário, além de não terem acesso aos benefícios materiais são deixadas à margem da sociedade. Como explicar este tipo de opressão quando as pessoas não se sentem oprimidas sob condições de abundância material?

Nesse momento em que mensagens ideológicas oferecem a felicidade através do consumo de mercadorias, e as pessoas se sentem felizes comprando, a ideologia opressora não é mais contraditória com o real, não existe uma promessa de felicidade que não é cumprida, ocorre o entrelaçamento da ideologia com a realidade. Todavia, esta consciência que se apresenta ajustada à realidade é falsa, assim como a própria realidade, elas são paródias de uma consciência e realidade autênticas. O que ocorre é uma reconciliação forçada, a razão não penetra na realidade, apenas tem acesso ao imediato, ela não se aprofunda, mas internaliza as informações prontas e superficiais que lhe são apresentadas, desta forma ocorre a semiformação.

² Adorno se exila nos EUA fugindo das perseguições do regime nazista contra os judeus.

A semiformação deve ser entendida como a *forma ordenada da sociedade contemporânea*, pois a organização social é sua própria ideologia (MAAR, 2008). No capitalismo tardio a realidade e a ideologia estão entrelaçadas, se confundem, logo a própria realidade se limita às aparências.

A ideologia, ou seja, a aparência socialmente necessária é hoje a própria sociedade real, na medida em que o seu poder integral e sua inexorabilidade, a sua irresistível existência em si substitui o sentido por ela própria exterminado. (ADORNO, 2007, p.96-97)

A construção consciente do conhecimento e a interpretação da realidade são substituídas pela ideologia, esta leva a uma identificação do indivíduo com a ordem vigente. Neste clima de falsa reconciliação entre ideologia e realidade o indivíduo recalca os conflitos internos e se identifica com a ideologia dominante como se ela fosse natural, assim ele se torna um objeto controlado pelo todo social.

Em um mundo reificado e superficial não existe espaço para a contradição, porém a realidade em si é contraditória, o ser humano é dominado por pulsões contraditórias, deste modo, este mascaramento da realidade e a repressão forçada das pulsões pode gerar consequências desastrosas, como por exemplo, a fragilização dos indivíduos e sua fácil adesão a regimes totalitários. Nesta situação a formação deve ser direcionada para a resistência frente à sociedade da semiformação, dando ênfase ao pensamento crítico em detrimento de uma adaptação forçada.

Pelo fato de o processo de adaptação ser tão desmesuradamente forçado por todo o contexto em que os homens vivem, eles precisam impor a adaptação a si mesmos de um modo dolorido, exagerando o realismo em relação a si mesmos, e nos termos de Freud, identificando-se ao agressor. A crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implantada, entretanto, já na primeira infância. (ADORNO, 2006, p. 145)

Vale salientar nesta citação a questão da *identificação com o agressor*. Na sociedade capitalista acontece muitas vezes o que podemos chamar de educação pela dureza, ou seja, aquela que nos leva a uma relação de frieza e rancor tanto em relação aos homens quanto em relação à cultura, isto ocorre porque este tipo de educação desumaniza o indivíduo.

Na educação pela dureza o indivíduo é tratado de forma rígida e violenta, sendo obrigado a se enquadrar em normas sem questioná-las, portanto, esta postura contribui para

o enfraquecimento de sua individualidade. O enquadramento em normas sem reflexão e questionamento indica uma situação de heteronomia e consciência reificada.

Ao se imporem normas de uma forma violenta e irracional, sem uma finalidade humana, ou seja, violência gratuita que não vise a formação para a autonomia, o modo de se agir violentamente acaba sendo interiorizado de maneira a balizar a forma normal de comportamento, ele passa a fazer parte da personalidade do indivíduo, isto seria a identificação com o agressor, a incorporação e imitação daqueles que se impõem de maneira opressora, assim, os indivíduos impõem sobre si mesmos a adaptação de maneira dolorida, como disse Adorno, e também impõem de maneira dolorida a adaptação aos sujeitos ao seu redor.

A educação pela dureza também contribui para o comportamento preconceituoso e violento, do tipo antissemita:

la hostilidad (mayormente inconsciente) dimanada de las frustraciones y repreciones, y desviada en la vida social de su verdadero objeto, *tiene necesidad* de um objeto sustituto que le sirva para adquirir visos de realidad y así esquivar, por así decirlo, manifestaciones más radicales de las relaciones de sujeto com la realidad...(ADORNO, 1965, p.571)

Ao passo que a educação pela dureza reprime o indivíduo gerando frustrações ela provoca a hostilidade. Esta, reprimida pelo superego, busca objetos substitutos para se direcionar, isto devido a mecanismos de defesa do indivíduo que agem para que ele não precise se defrontar diretamente com a realidade de opressão e frustrações, buscando inconscientemente outras razões para sua agressividade.

Os indivíduos encontram em determinados grupos de pessoas, minorias, novos alvos para racionalizar sua hostilidade e a tornar justificada. Mas esta postura é adotada de forma inconsciente, pois quem se encontra em uma situação de submissão gerada por uma educação dura, ou mediante a ideologia de regimes totalitários, passa a se guiar pela mentalidade do *ticket*, não é necessário reflexão, mas sim a submissão a determinadas coordenadas ideológicas, desta forma o indivíduo pode se submeter ao ticket do fascismo, ao ticket do comunismo, ao ticket do capitalismo.

Adorno explica, no texto *Elementos do Antissemitismo*, que a mentalidade do ticket substitui o antissemitismo, as pessoas somente se submetem a orientações, ou seja, o preconceito pode mudar de alvo conforme a situação, não existe preconceito em um alvo fixo como os judeus no caso antissemita, as vítimas do preconceito são intercambiáveis. A educação pela dureza (que se utiliza não apenas de uma violência física, mas também

simbólica, portanto ela ocorre tanto em regimes totalitários como em nossa sociedade oprimida pela forte influência da indústria cultural) fragiliza a capacidade intelectual de tal forma que não permite a elaboração e reflexão sobre qualquer ideologia, o que ocorre é apenas subordinação.

A adaptação forçada mostra que na verdade não ocorre uma adequação entre as normas incorporadas pelo indivíduo e sua consciência, por isso a necessidade de forçar de modo violento e irracional a adaptação. Na contemporaneidade a própria sociedade se impõe sobre os indivíduos através de uma violência tanto física quanto psicológica. Como resultado disto se surge o tipo de personalidade denominado por Adorno como personalidade autoritária, da qual trataremos mais a diante.

A educação pela dureza força a adaptação do indivíduo e não permite um verdadeiro envolvimento com a cultura, não colaborando com uma verdadeira formação cultural (*Bildung*). Com a imposição das normas os indivíduos são privados de uma relação viva com a cultura, assim o que ocorre é o surgimento de um rancor frente à mesma. Quando existe uma relação superficial do indivíduo com a cultura e ela não é elaborada de modo subjetivo, é como se ele não tivesse tido acesso à cultura realmente, assim ela lhe parece algo estranho e distante, este distanciamento provoca o ressentimento e forma uma barreira onde o indivíduo repele qualquer aproximação real com a mesma, “a razão recalca suas limitações e simula o pleno domínio da realidade”. (Bueno, 2009, p.42)

Outro ponto importante é que este “ser duro”, por ter aprendido a suportar sua própria dor, se torna insensível também diante a dor dos outros, tratando as pessoas com frieza (incapacidade de amar), como se fossem objetos, muitas vezes as transformando em bode expiatório de suas pulsões agressivas.

Esta incapacidade de amar, ou de se relacionar de modo saudável com outros indivíduos, faz com que sua afetividade seja transferida, em muitos casos, para mercadorias. Adorno nos mostra que nas entrevistas realizadas para a execução do livro *Authoritarian Personality* isto foi claramente constatado.

Um sujeito experimental... afirmava de si mesmo: “I like nice equipment” (Eu gosto de equipamentos, instrumentos bonitos), independentemente dos equipamentos em questão. Seu amor era absorvido por coisas, máquinas enquanto tais. O perturbador – porque torna tão desesperançoso lutar contra isto – é que esta tendência de desenvolvimento encontrasse vinculada ao conjunto da civilização. (ADORNO, 2006, p.133)

Nesta situação onde o amor é absorvido por coisas, equipamentos tecnológicos, percebemos como existe também uma relação fetichizada com a técnica. Em um mundo tecnológico como o nosso é natural que a sociedade produza indivíduos interessados pela tecnologia, que tenham afinidade com equipamentos tecnológicos, porém, atualmente a relação dos homens com a técnica extrapola limites aceitáveis.

Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (ADORNO, 2006, p.132)

Ocorre a perda de consciência da relação existente entre os meios tecnológicos com seu fim, que seria a melhoria da qualidade de vida. Percebemos que a falta de consciência sobre a sociedade e as relações sociais é o que predomina na sociedade da semiformação, no lugar da consciência existem ideologias e clichês que determinam e padronizam o comportamento.

Após este esclarecimento sobre os conceitos de formação (*Bildung*), com sua grande importância para a nossa sociedade principalmente devido à sua ligação com o pensamento iluminista responsável por grandes revoluções, e o conceito de semiformação, que é seu oposto presente na sociedade da técnica e da consciência reificada, vamos tratar do conceito de autoridade, pois, deste modo poderemos compreender como existe uma estreita relação entre ambos e, como as figuras de autoridade têm um papel muito importante no processo de formação.

CAPÍTULO 2

O CONCEITO DE AUTORIDADE

De um modo geral poderíamos definir o conceito de autoridade como: “Qualquer poder exercido sobre um homem ou grupo humano por outro homem ou grupo.” (Abbagnano, 2012, p.113) Entretanto, definir o conceito de autoridade apenas de modo geral e abstrato seria um erro, ele deve ser compreendido em conexão com as situações históricas às quais esteve ligado, uma definição puramente teórica estaria vazia, devemos interpretá-lo conforme o período, o momento histórico e em ligação com outros conceitos que fazem parte de cada contexto.

Baseia-se na autoridade tanto a submissão cega e servil, que subjetivamente resulta de indolência psíquica e incapacidade de tomar uma decisão própria e objetivamente contribuiu para a continuação de condições limitadoras e indignas, quanto a disciplina consciente de trabalho em uma sociedade em ascensão. E mesmo assim as duas maneiras de viver se distinguem como sono e vigília, prisão e liberdade. (HORKHEIMER, 1990, p.193)

Nesta citação Horkheimer expõe o caráter dialético das relações de autoridade no decorrer da história, é importante deixar clara a diferença entre o exercício racional da *autoridade* e seu exercício irracional. O primeiro caso é quando se exerce influência ou poder sobre alguém, quando a autoridade se impõe sobre outros indivíduos com finalidades humanas, visando o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo e da sociedade de modo geral. Já em seu uso irracional a figura de autoridade se impõe de modo irracional e sem finalidades humanas, ou seja, a violência da imposição se justifica nela mesma, sem intenções de desenvolvimento ou de formação para a autonomia, gerando apenas uma situação de assujeitamento e heteronomia.

Inserida no devir histórico a relação com a autoridade ocorreu destas duas maneiras, ora de maneira racional, ora de maneira irracional, como uma autoridade não esclarecida, em determinadas situações era aceita pelo interesse dos próprios subordinados, pois era uma condição que favorecia o desenvolvimento social, porém, em outros momentos era responsável pela miséria material e espiritual dos subordinados.

A autoridade sempre esteve presente nas relações sociais no decorrer da história, também sempre existiu algum tipo de dominação nestas relações. No texto “Autoridade e Família” Horkheimer nos explica que desde as comunidades mais simples e primitivas até

as mais complexas, sempre existiram relações de dominação e a subordinação de classes, isto nem sempre se deu através da violência, em determinados locais e épocas os homens também aprenderam a aceitar este tipo de ordenação social. Portanto independentemente do tempo e do lugar, todas as sociedades têm em comum relações de dominação.

Durante todo o período de tempo abrangido pela historiografia – salvo aqueles casos liminares em que escravos amarrados eram empurrados com o chicote para os campos e nas minas – o trabalho era executado com obediência mais ou menos voluntária a ordens e instituições. E já que o agir que mantinha viva a sociedade em cujo processo, portanto, os homens haviam sido formados se desenvolvia na submissão a uma instância alheia, todas as relações e formas de reação se achavam sob o signo da autoridade. (HORKHEIMER, 1990, p.192)

Em períodos primitivos a relação de autoridade ocorria tendo como base a submissão do mais fraco perante o mais forte, como na hipótese de Freud onde o grande pai dominava a horda primitiva, ele possuía todas as fêmeas e reprimia os filhos através de sua força física. Porém, em um dado momento os filhos se rebelam, se unem e matam o pai. Quando o grande pai é morto a sua autoridade retorna ainda mais fortalecida, pois, os filhos que o mataram, devido a sua postura violenta e dominadora, também o admiravam e se identificavam com ele, deste modo, depois do assassinato sobreveio o arrependimento e o sentimento de culpa.

A partir destes sentimentos os filhos passam a reprimir suas pulsões em respeito à autoridade do pai. “O que antes era proibido pelo pai com sua presença é agora proibido pelos filhos por sua própria conta, numa situação psíquica que a psicanálise conhece com o nome de ‘obediência póstuma’.” (Freud, 1987, p.106) Deste modo Freud demonstra como a autoridade baseada na força se modificou e passou a ser internalizada no desenrolar da história humana, o acontecimento do assassinato do pai “constitui o ponto de partida para tantas coisas: organizações sociais, limitações morais, religiões.” (Freud, 1987, p.106) É a partir deste fato que surge a tensão entre civilização e repressão, tensão esta que todo o ser humano vivencia em sua história individual.

No início da civilização podemos entender que o princípio da autoridade era importante para o estabelecimento da ordem, para a socialização dos indivíduos que se encontravam em um estado selvagem, já nos séculos XVI e XVII, por exemplo, este princípio estava ligado à manutenção de uma sociedade com autoridades tradicionais, como reis, príncipes e toda a nobreza europeia.

O reconhecimento das relações hierárquicas do absolutismo, como a subordinação da burguesia à burocracia principesca, foi, nos séculos XVI, XVII e parte do XVIII, de acordo com a situação nos diversos países, um fator produtivo do desenvolvimento social; no século XIX este comportamento se tornou característica de grupos atrasados. (HORKHEIMER, 1990, p. 194)

Percebemos que conforme a sociedade se modifica também se modificam as relações com a autoridade, ela própria se transforma nas transições da história.

Na idade média encontramos relações de autoridade fundamentadas na tradição e por ideais religiosos, quando o clero se enfraquece são as monarquias que ganham maior poder, também baseadas na tradição e em ideais religiosos, na modernidade essas relações se modificam novamente. Horkheimer (1990, p.194) explica que: “O pensamento burguês tem início como luta contra a autoridade da tradição e contrapõe-lhe a razão de cada indivíduo como fonte legítima de direito e verdade.” Porém, a sociedade burguesa que em seu início se revolta contra a autoridade da tradição acaba caindo vítima de outro tipo de autoridade, a autoridade da economia.

Sob o regime econômico atual, a sociedade parece tão cega quanto a natureza inconsciente; pois os homens regulam o processo através do qual ganham a vida na coletividade social, não por deliberações e decisões coletivas, mas a produção e distribuição de todos os bens se processa por inúmeros atos de discussões não-coordenados, de grupos e indivíduos. (HORKHEIMER, 1990, p.201)

Na atualidade é a submissão ao sistema econômico que substitui a submissão perante as tradicionais figuras de autoridade, todos buscam se adaptar para sobreviver neste sistema, para Horkheimer nem mesmo os grandes empresários possuem liberdade, pois também estão submetidos às oscilações muitas vezes imprevisíveis e irracionais da economia, isto fica claro diante das grandes crises econômicas ocorridas nos últimos anos, elas afetam diretamente a vida de toda a sociedade. “A mais completa adaptação possível do sujeito à autoridade efetiva da economia é, ao mesmo tempo, a forma da razão na realidade.” (Horkheimer, 1990, p.202)

Entendemos que a adaptação é a forma normal de condução da razão na realidade atual porque os homens são o resultado da adaptação, em seu processo formativo eles são submetidos a diversas relações com autoridades, desde a infância até a vida adulta a adaptação é a forma de conduta estimulada, entendendo que a vida segue “naturalmente”

este padrão sua capacidade racional também funcionará automaticamente segundo tais padrões de adaptação para a sobrevivência.

Existem diferentes figuras de autoridade que se espalham pela estrutura social, como os pais, a polícia, os chefes, os professores, políticos, etc. Neste sentido o conceito de autoridade muda conforme o contexto social em que se encontra, por exemplo, pode existir uma autoridade técnica, quando um homem sabe mais que outro sobre determinado assunto, uma autoridade religiosa dentro da hierarquia da igreja, uma autoridade carismática quando um homem de determinado grupo cativa os demais pela sua postura, uma autoridade pela tradição quando um indivíduo representa o passado e a experiência; em cada lugar e em cada situação onde se desenvolvem relações sociais podem se criar diferentes figuras de autoridade.

Em primeiro lugar, autoridade é um conceito essencialmente psicossocial, que não significa imediatamente a própria realidade social. Além disso existe algo como uma autoridade técnica --- ou seja, o fato de que um homem entende mais de um assunto do que outro ---, que não pode simplesmente ser descartada. Assim o conceito de autoridade adquire seu significado no âmbito do contexto social em que se apresenta. (ADORNO, 2006, p.176).

Devemos compreender que a autoridade, apesar de ser uma imposição ou coerção, é reconhecida e aceita, e ao aceitá-la nos submetemos a ela. Freud explica a submissão perante determinadas influências da seguinte maneira:

Aqui, portanto, está em ação uma influência estranha, que decide o que deve ser chamado de bom ou mau. De uma vez que os próprios sentimentos de uma pessoa não a conduziram ao longo desse caminho, ela deve ter um motivo para submeter-se a essa influência estranha. Esse motivo é facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser designado como medo da perda de amor. Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Acima de tudo, fica exposta ao perigo de que esta pessoa mais forte mostre sua superioridade sob a forma de punição. (FREUD, 1976 B, p.147)

Portanto, quando Freud explica a submissão a uma influência estranha, podemos entender da mesma forma a submissão a uma figura de autoridade. Uma vez que nossos sentimentos não são capazes de conduzir nossa vida para coisas boas, ou para o bem, pois nem sempre aquilo que nos causa prazer é realmente bom, nos submetemos às figuras de autoridade que nos orientam. Esta submissão é aceita por medo da perda de amor, pois sem

o amor destas nos encontraríamos em situação de desamparo, ou até mesmo sujeitos a punição.

Apesar de diferentes contextos sociais construírem diferentes figuras de autoridade podemos observar que em qualquer situação existem determinadas características (não características naturais, mas construídas por determinadas condições sociais), como por exemplo, a figura de autoridade possui maior conhecimento, ou mais experiência de vida, maior força, maior riqueza, características que a diferencia dos outros e a coloca em uma posição destacada como líder, governante, ou simplesmente como um modelo para os demais.

Esse papel de modelo é ocupado, por exemplo, pelos pais no interior da família, sendo o primeiro grupo social em que os indivíduos se inserem durante sua infância, tomando-a como uma porta de entrada para a civilização. Neste ambiente os pais são as figuras de autoridade e servem de modelo para as crianças, estas se submetem a eles pelo medo da perda de seu amor, como já explicamos anteriormente.

é por meio da incorporação de valores, princípios, modos de agir da autoridade, mediada pela forma como o indivíduo a percebe, e pelo contraste percebida entre o que é a autoridade incorporada como um ideal e o que se contrapõe a esse ideal, que se constrói o indivíduo. (CROCHIK, 2009, p.40)

As figuras de autoridade da família são de grande importância durante a primeira infância, pois é neste período que se constituem a personalidade e as bases psicológicas do indivíduo (ego, superego), momento fundamental em seu processo formativo.

2.1 O papel da autoridade no processo formativo

Adorno se destaca por ser um pensador que realizou uma profunda crítica social, refletindo sobre a necessidade da emancipação e autonomia dos indivíduos, ou seja, sua libertação da opressão social através do uso de sua razão. Porém é necessário cuidado ao interpretar suas ideias sobre autonomia.

Uma leitura equivocada poderia argumentar ser essa a defesa de um individualismo inconseqüente, que desconsidera a relevância das normas sociais para a vida em conjunto. Adorno certamente não compactuaria com uma visão tão simplista, pois sua preocupação se esmera pelo ponto de vista de que a democracia, corporificada na instituição das eleições representativas, depende do desenvolvimento moral de cada indivíduo. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2000, p.122)

Em um regime democrático, é necessário que as pessoas tenham maturidade moral e intelectual para o gerenciamento de seu poder, exercido nas eleições representativas, portanto, a autonomia individual é necessária para que cada indivíduo possa compreender a realidade e tomar suas próprias decisões, fazer seu próprio julgamento. Contudo, tal autonomia não significa separação entre indivíduo e sociedade, afinal a sociedade se constitui de indivíduos, e indivíduos emancipados resultam em uma sociedade emancipada.

Neste ponto cabe a pergunta: a autoridade é necessariamente antagônica a um processo formativo que vise autonomia? Não, pois a autoridade é fundamental nesse processo formativo, principalmente durante a *primeira infância*.

Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como um momento genético pelo processo de emancipação. Mas de maneira alguma isto deve possibilitar o mau uso de glorificar e conservar esta etapa, e quando isto ocorre os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade, no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens. (ADORNO, 2006, p.177)

O encontro com a autoridade é necessário para a formação, porém, ele é apenas uma etapa a ser superada, caso contrário isto poderá acarretar danos à personalidade do indivíduo, quando Adorno explica que o encontro com a autoridade é um momento genético no processo de formação ele quer dizer que ele está na gênese deste processo, em sua origem, seu início. É importante salientar que a autoridade exercida sobre a criança, ou jovem, não deve ser baseada em uma coerção violenta e irracional sem finalidades humanas, ou seja, ela deveria visar a formação cultural. Quando isto não ocorre temos como resultado o autoritarismo, e esta autoridade não esclarecida deve se dissolver para que ocorra a emancipação. O próprio Adorno explica que “a dissolução de qualquer tipo de autoridade não esclarecida, principalmente na primeira infância, constitui um dos pressupostos mais importantes para a desbarbarização” (ADORNO, 2006, p.167), porém, mais adiante também diz que:

Determinadas manifestações de autoridade, que assumem um outro significado, na medida que já não são cegas, não se originam do princípio de violência, mas são conscientes, e, sobretudo, que tenham um momento de transparência inclusive para a própria criança; quando os pais “dão uma palmada” na criança porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização. (ADORNO, 2006, p.167)

Em contrapartida à autoridade não esclarecida Adorno mostra como manifestações de autoridade conscientes têm sua importância. O exemplo da palmada³ utilizado pelo autor pode gerar alguma confusão, porém, não se trata de incentivar a violência física nem justificá-la, existe uma intenção consciente como pano de fundo desta ação, a de transmitir para a criança a idéia de que não se deve torturar insetos, nem agir de modo violento gratuitamente contra qualquer outro animal. Durante os primeiros anos de vida as crianças ainda não desenvolveram totalmente seu intelecto e tampouco sua moralidade, portanto não conseguem compreender uma explicação racional mais complexa sobre determinadas ações. Neste momento da primeira infância a imposição da autoridade é de grande valor. Durante a infância é necessária a identificação e a apropriação da figura de autoridade, para que esta possa ser superada através de um doloroso processo de maturidade.

É o processo --- que Freud denominou como desenvolvimento normal --- pelo qual as crianças em geral se identificam com uma figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por um processo sempre muito doloroso e marcante, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao eu ideal que apreenderam dele, libertando-se assim do mesmo e tornando-se, precisamente por essa via, pessoas emancipadas. (ADORNO, 2006, p. 177)

A criança incorpora da autoridade valores, modo de agir, princípios, através disto cria seu superego. Todos estes ideais incorporados serão confrontados com a realidade na medida em que ela passa desenvolver sua capacidade cognitiva e a ampliar seu ciclo de relações para além de sua família, se inserindo na sociedade. Neste movimento dialético de confrontação dos ideais internalizados com sua realidade social é que o indivíduo se constrói, enquanto crítico e autônomo.

Durante a primeira infância o indivíduo submete suas pulsões mediante a autoridade dois pais porque teme perder o seu amor, mas conforme o indivíduo amadurece e seu superego é formado mediante a internalização das normas paternas, a partir de então o superego atuaria como um substituto dos pais. Quando a autoridade é internalizada na forma de superego não existe mais o medo da perda de amor, o ego se submete ao superego porque isto se transforma em motivo de orgulho, gerando uma sensação de prazer. “Quando o ego traz ao superego o sacrifício de uma renúncia instintual, ele espera

³ Esta questão da palmada causa polêmica até os dias de hoje, recentemente se discute uma lei em nosso país, conhecida como a “Lei da Palmada”, segundo esta lei o governo brasileiro consideraria crime se os pais se utilizassem da violência física com seus filhos. A lei foi aprovada pela Câmara dos Deputados, porém ainda não foi encaminhada para a aprovação do Senado.

ser recompensado recebendo mais amor deste último. A consciência de merecer este amor é sentida por ele como orgulho.” (Freud, 2001, p.102) É claro que este orgulho ocorre quando a relação entre o indivíduo e a autoridade dos pais ocorreu de modo sadio, porém, relações violentas com a autoridade nos primeiros anos de vida podem gerar traumas, estes podem ocasionar a dificuldade de internalização de regras e a dificuldade em aceitar a renúncia dos instintos, podendo se transformar em patologia psicológica na vida adulta.

Não se deve submeter a criança à uma autoridade cega e violenta, mas também não se pode abandoná-la a sua própria sorte; deixá-la “livre” neste momento seria como privá-la de ser livre realmente.

No que diz respeito à autoridade, esta também se apresenta pela contradição: é necessária para a formação do indivíduo ao mesmo tempo que se não for superada impede a autonomia. Calcado na psicanálise, Adorno defende que a autoridade é modelo necessário para a formação e que a percepção do contraste entre o ideal que represente e o que de fato é, por mais doloroso que seja, encaminha a autonomia: a percepção de que os outros não são como gostaríamos que fossem nos obriga a pensar por conta própria, sem tutela, segundo Kant, filósofo fundamental para Adorno pensar a autonomia. (CROCHIK, 2009, p.22)

É necessário criar um ego forte para que o indivíduo possa se emancipar algum dia, caso contrário o ego fragilizado torna a pessoa mais maleável aos ditames da indústria cultural. Por isso é importante que a criança se defronte com uma autoridade que sirva como um guia durante sua infância, um modelo. Ao perceber que o pai não é aquele ideal de perfeição imaginado na infância o indivíduo passa a confrontar seus ideais de infância com a realidade e, conseqüentemente, poderia refletir de maneira crítica. Isso fica claro nas palavras de Marcuse:

Segundo Freud, o conflito funesto entre o indivíduo e a sociedade é vivido e decidido em primeiro lugar e sobretudo na confrontação com o pai: é aqui que explode a luta entre Eros e Thánatos, determinante para o desenvolvimento do indivíduo. E é o pai que impõe a subordinação do princípio de prazer ao princípio de realidade; a rebelião e o acesso à maturidade são estágios da luta contra o pai. (MARCUSE, 1998, p.93).

Este conflito entre Eros e Thánatos⁴ não tem possibilidade de conciliação, o conflito entre indivíduo e sociedade também não, pois a sociedade só é possível mediante a repressão do princípio de prazer em benefício do princípio de realidade, isto gera tensão,

⁴ Eros e Thánatos são termos da psicanálise introduzidos por Freud, significam respectivamente pulsão de vida e pulsão de morte.

gera conflitos internos entre a natureza pulsional e o pensamento racional. Entretanto, isso não significa que não se devam buscar soluções para tais conflitos.

O que se pode fazer é elaborar as pulsões para que os conflitos internos do indivíduo encontrem meios de sublimação sem que se exteriorizem de maneira violenta e irracional, prejudicando ao indivíduo e os outros no interior da sociedade. “Segundo a versão tardia da teoria freudiana das pulsões [...] o organismo com suas duas pulsões fundamentais, Eros e pulsão de morte, não é socializável enquanto essas pulsões não forem limitadas” (Marcuse, 2001, p.121) Sem o encontro com a autoridade estes conflitos internos não são bem trabalhados pelo aparato psíquico e escoam por caminhos diversos, podendo gerar uma racionalidade cega, que pensa de modo técnico, frio, impossibilitando a reflexão autônoma. Esse tipo de pensamento acaba se voltando contra o próprio homem. Ao evoluir o lado racional e técnico em detrimento da reflexão autônoma a manifestação da barbárie é uma possibilidade constante.

Os pais, enquanto primeiras autoridades e representantes da sociedade com os quais a criança se depara, têm a difícil tarefa de lhes impor um modo de vida que é muitas vezes castrador e frustrante por almejar domar as pulsões, porém, na contemporaneidade a própria sociedade estimula o princípio de prazer dos indivíduos, prometendo satisfazê-lo, mas claramente tal promessa não é cumprida, tornando o processo de internalização do princípio de realidade e o próprio amadurecimento do indivíduo muito mais complexos; “que sociedade é essa que impinge a brutal supremacia do princípio de realidade sobre o princípio do prazer, mas que ao mesmo tempo se fundamenta na veleidade de que todos são livres pra desfrutar todos os prazeres imaginados?” (Zuin, Pucci, Oliveira, 2000, p.66).

É da relação de amor e ódio com o pai que se forma o superego nos indivíduos, ou seja, a figura paterna freia os instintos e impõe normas de conduta, o princípio de realidade é internalizado e sobreposto ao princípio de prazer. Como dissemos anteriormente, a criança se submete à figura paterna, isto causa frustrações e consequentemente hostilidade, pois a figura de autoridade reprime suas pulsões, porém, a criança se submete a esta situação porque não quer perder o amor do pai, que em última instância, o protege dos perigos da vida.

El amor por la madre en su forma primera, queda bajo estricto tabú. De ello resulta un odio contra el padre que se transforma en amor mediante formaciones reactivas. Tal transformación lleva a un tipo particular de superygo. La conversión de odio a amor, la tarea más difícil que debe cumplir el individuo en su primeira etapa de desarrollo, nunca logra completo buen éxito. Em la psicodinámica del “carater autoritário”, parte

de la agresividad recién mencionada queda absorbida y convertida en masoquismo, a la parte que otra porción de la misma resta como sadismo, el cual busca descargarse sobre aquellos con quienes el sujeto no se identifica: en último término, el exogrupo. (ADORNO, 1965, p.708)

No interior da sociedade a primeira figura de autoridade com a qual nos deparamos, a paterna, é substituído por outros personagens, como o professor, policial, chefe, entre outros. Quando não ocorre a superação do embate com a figura de autoridade paterna, por sua postura autoritária, o ódio à figura de autoridade paterna se espalha para as outras figuras de autoridade, assim aquele ódio voltado ao pai opressor acaba se voltando contra a própria civilização opressora. “E a medida que o pai é multiplicado, suplementado e substituído pelas autoridades da sociedade, à medida que as proibições e inibições se propagam, o mesmo ocorre com o impulso agressivo a seus objetos.” (Marcuse, 1968, p.84)

No livro *Authoritarian Personality*, resultado de uma pesquisa realizada na segunda metade da década de quarenta com a população norte-americana, Adorno juntamente com outros pesquisadores (Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford) da Universidade da Califórnia, “procuram examinar, concretamente, ao nível da consciência individual, a forma pela qual se dá a inserção entre a ideologia e a estrutura da personalidade” (Rouanet, 1989, p.162). A pesquisa ocorreu através de questionários, entrevistas, nas quais eram utilizadas técnicas clínicas, e testes projetivos.

Nesta pesquisa foi desenvolvido o seguinte sistema de escalas: escala F (mede o grau de propensão ao fascismo), escala AS (mede a propensão ao anti-semitismo), escala E (mede a propensão ao etnocentrismo). Todas estas escalas estão correlacionadas, ou seja, quando um indivíduo tem alta pontuação em uma delas, também tem nas outras, porém, existe outra escala que não mantém esta correlação, a PEC, que mede a inclinação para determinada organização política e econômica.

O que se verificou foi que as outras escalas não tinham correlação com a escala PEC porque não importa a inclinação política e econômica do indivíduo, esta pode ser de direita ou esquerda, capitalista ou socialista, em qualquer situação poderiam se encontrar indivíduos com propensão ao fascismo, antissemitismo ou etnocentrismo. Isto foi revelador, pois é mais comum considerar que um indivíduo que manifeste uma posição política de esquerda não tenha inclinação para um comportamento fascista, porém, isto não

foi constatado estatisticamente nas entrevistas, a tendência para o fascismo pode se manifestar tanto em pessoas de posicionamento político liberal quanto em pessoas mais conservadoras. Segundo Rouanet a explicação para este fato é a seguinte:

Certos indivíduos não conseguem chegar a uma resolução normal do conflito edipiano, e conseqüentemente as duas atitudes contrárias com relação ao pai e à autoridade – a submissão e a rebelde – coexistem em proporções variáveis. É assim que a adesão superficial aos valores do *status quo* pode ser contrabalanceada por uma agressividade violenta que leva, em constelações externas favoráveis, à constatação brutal desses mesmos valores. Por outro lado, a crítica do *status quo*, ao nível superficial, pode ser neutralizada por uma tendência conformista latente, ao nível da personalidade profunda. (ROUANET, 1989, p.366)

Portanto, na sociedade onde a família e a figura de autoridade paterna diminuem sua influência na formação das crianças e jovens pode ocorrer que um indivíduo que defenda o liberalismo tenha traços psicológicos fascistas, enquanto outro que defenda o conservadorismo tenha traços psicológicos liberais. Escolhas ideológicas manifestas podem esconder traços de personalidade mais profundos, sendo assim, esta pesquisa nos leva a compreender que o fato de um indivíduo se dizer a favor de uma ideologia liberal não significa necessariamente que sua personalidade e ações sejam liberais, é possível que este indivíduo defenda a ideologia liberal de forma violenta e autoritária.

Adorno introduz os conceitos de pseudoconservador e de pseudoliberal para esclarecer o que ocorre com os indivíduos que possuem posturas ideológicas divergentes (liberal e conservador), mas que independente disto possuem alta pontuação na escala F. O pseudoconservador é aquele que optou por uma postura política e econômica conservadora mas não internalizou a cultura de modo consciente, mas sim por um processo forçado, isto provoca uma relação de frustração entre indivíduo e cultura. Uma vez as normas e valores do *status quo* não foram efetivamente internalizadas e elaboradas durante seu amadurecimento o indivíduo precisa defendê-los de maneira extrema e violenta. O pseudoliberal se diferencia pela escolha ideológica de um sistema político e econômico de esquerda, porém sua postura crítica é superficial e também ocorre de maneira forçada, deste modo também acaba por realizar a defesa violenta e autoritária de seus ideais.

Nos dois casos, apesar da defesa de ideologias opostas, os dois tipos tem essa relação conflituosa com a cultura e necessitam reprimir a agressividade que resulta de tal relação. Ocorre a identificação com ideologias distintas, mas no fundo possuem a pulsão agressiva como base inconsciente de suas personalidades, assim as pulsões agressivas são

racionalizadas através das distintas ideologias, por isso ambos têm os traços latentes de uma postura autoritária e violenta.

A formação deste “caráter autoritário” pode estar relacionada a uma internalização imperfeita da autoridade paterna durante a primeira infância, e consequentemente com a relação conflituosa com a cultura, uma vez que são as figuras de autoridade da primeira infância que realizam a mediação entre indivíduo e cultura. Como os valores sociais não foram internalizados e posteriores elaborados de modo crítico pode ocorrer que eles sejam simplesmente internalizados de forma forçada e por isso sejam defendidos de um modo extremo e violento.

Quando o conflito com a autoridade paterna não é superado, tanto o amor pelo pai (respeito pela autoridade), quanto o ódio por ele (rebeldia) estão presentes de um modo ambíguo no interior do sujeito, portanto suas cargas psíquicas podem ser distribuídas de maneira irregular, alimentando o Superego (leis) ou o Id (pulsões agressivas). Quando a pulsão agressiva é estimulada ela irá encontrar alvos para ser descarregada. Na racionalização das pulsões agressivas latentes encontramos o gérmen do fascismo.

Sabemos, por Freud, que la identificación con el padre es siempre de naturaleza precaria y hasta en los casos “genuíno”, en los que parece estar bien establecida, puede ceder ante el impacto de una situación en la que una autoridad colectivizada del tipo fascista sustituye el superyo paterno.(ADORNO, 1965, p.639)

Adorno explica que, mesmo para Freud, a identificação nunca é um processo que ocorre de maneira perfeita e sem conflitos internos, portanto mesmo quando a internalização da autoridade parece ser bem sucedida pode ocorrer que o indivíduo ceda perante uma situação em que uma autoridade coletiva, a figura de um líder, (por exemplo, Hitler durante o nazismo) se impõe substituindo o superego, que é constituído pela identificação com a figura de autoridade.

Outro momento que mostra a importância da autoridade no processo formativo é quando Adorno explica, como já expusemos anteriormente, que o processo formativo é dialético, pois a formação que vise à autonomia deve proporcionar a capacidade autorreguladora aos indivíduos, para que eles não se deixem conduzir pelo meio, porém, ela também deve tornar o indivíduo consciente de que ele faz parte de uma sociedade, e é nela que acontece sua vida, é nela que ele se faz homem. “O indivíduo totalmente desenvolvido é fruto de uma sociedade totalmente desenvolvida. A emancipação do indivíduo não é uma

emancipação da sociedade, mas o resultado da liberação da sociedade da atomização”. (Horkheimer, 1976, p.146).

Portanto, a figura de autoridade ao transmitir normas, valores morais e conhecimentos faz com que o indivíduo compreenda que ele faz parte de uma sociedade e que esta depende dele, pois ela é resultado destas normas, valores, conhecimentos e tradições.

2.2 Aproximações entre Adorno e Hannah Arendt nas reflexões sobre o conceito de autoridade

A pensadora Hannah Aarendt viveu na mesma época de Adorno, ambos eram judeus e tiveram experiências parecidas, como o fato de se exilarem nos Estados Unidos fugindo da perseguição nazista, contudo, eles têm diferentes modos de interpretar seu tempo. O que veremos nesta comparação é que, apesar de suas diferenças, no que corresponde ao conceito de autoridade podemos encontrar pontos comuns.

Tendo como base o livro *Entre o Passado e o Futuro* faremos uma breve exposição sobre o conceito de autoridade segundo Arendt. Neste livro a autora defende a idéia de que ocorreu uma ruptura na linha que liga o passado e o futuro no campo intelectual, isto ocorreu pela perda da tradição, ou seja, o pensamento do século XX rompeu com a tradição e perde substância, pois, sem a tradição (que o liga ao passado) ele fica sem uma base, assim o futuro lhe parece obscuro. Um dos temas tratados neste livro é a questão de autoridade e de como ela se perdeu no decorrer do século XX. Era a autoridade que ligava o presente com o passado, mas segundo Arendt ela não existe mais; o tema da autoridade também está relacionado com a questão da educação, isto será exposto mais adiante.

Primeiramente, a autora não pretende fazer uma definição exata da autoridade, pois, pelo fato dela não mais existir, o que ela se propõe é “reconsiderar o que a autoridade foi historicamente, e as fontes de sua força e significação” (Arendt, 2000, p. 129).

A palavra e o conceito autoridade são de origem romana. Os romanos acreditavam que seus antepassados fundadores de Roma eram um exemplo de grandeza e modelo a ser seguido, existia a convicção de que a fundação de Roma tinha um caráter sagrado, portanto existia um grande respeito para com os fundadores, e apesar destas autoridades estarem

ligadas ao passado (fundação de Roma), elas sempre se faziam presentes na sociedade romana, pois a autoridade dos antigos era transmitida de geração em geração.

Aqueles que eram dotados de autoridade eram os anciãos, o Senado ou os *patres*, os quais a obtinham por descendência e transmissão (tradição) daqueles que haviam lançado as fundações de todas as coisas futuras, os antepassados chamados pelos romanos de *maiores*. (ARENDT, 2000, p.164)

Portanto, percebemos que segundo os romanos uma relação adequada com a autoridade passa pelo reconhecimento do valor de suas autoridades, e não havia imposição por meio da força e da violência. Aliás, segundo Arendt “a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou”. (Arendt, 2000, p. 129).

Outra característica da autoridade é a necessidade da existência de uma hierarquia:

A relação autoritária entre o que manda e o que obedece não se assenta nem na razão comum nem no poder do que manda; o que eles possuem em comum é a própria hierarquia, cujo direito e legitimidade ambos reconhecem e na qual ambos têm seu lugar estável predeterminado. (ARENDT, 2000, p. 129).

Tendo sua legitimidade pela aceitação dos indivíduos “a autoridade implica uma obediência na qual os homens retêm sua liberdade” (Arendt, 2000, p. 144). Por mais contraditório que pareça, o que Arendt quer dizer é que, uma vez aceita por todos, a obediência que os indivíduos prestam é de livre escolha. Usando um exemplo de nosso cotidiano podemos observar que, quando um indivíduo se encontra doente ele procura um médico, e obedece às prescrições do mesmo, porém ele faz isto porque aceita que a posição ocupada pelo médico é legítima, ele aceita a autoridade do médico no que se refere a assuntos de saúde corporal, portanto se trata de uma obediência que conserva a liberdade.

Arendt nos diz que no século XX o mundo passou por uma crise política, nesta conjuntura existiam movimentos políticos que não reconheciam as autoridades tradicionais, porém esta crise de origem política se espalhou por outras áreas causando o declínio de todo tipo de autoridade, como na criação dos filhos e na educação, onde a figura de autoridade sempre foi aceita como algo natural, isto devido à fragilidade física das crianças, e também por serem recém-chegadas a um mundo já existente, e terem a necessidade de serem guiadas (2000, p.128). Neste ponto, vemos a relação entre autoridade e educação, a figura de autoridade era personagem de extrema importância para a

educação, entretanto com seu declínio no século XX a tarefa de educar se tornou mais complicada.

A crise da autoridade na educação está relacionada com a crise da própria tradição, ou seja, uma crise da atitude dos indivíduos frente ao passado. É difícil para o educador, que é a figura de autoridade na educação, tratar de tal crise, pois cabe a ele fazer a mediação entre o presente e o passado, sua profissão exige um respeito em relação ao passado, respeito este que já fez parte da civilização ocidental em séculos passados (como no caso dos romanos), contudo na modernidade este respeito se perdeu.

Diante de tal situação de crise da tradição e da autoridade a humanidade não pode simplesmente retornar ao passado e a modelos de vida de povos antigos, mas tampouco continuar em frente do modo como as coisas se apresentam, ambas as posturas levariam o mundo à ruína, nos diz Arendt. Neste ponto a educação tem uma grande importância, pois ela pode resgatar a figura de autoridade, isto através de uma postura diferente que educadores e todos os adultos devem ter no relacionamento com os jovens e crianças, buscando resgatar neles o respeito pelo passado e pela tradição.

No campo da educação a figura de autoridade do educador tem sua base não apenas em sua qualificação como professor, mas em sua responsabilidade pelo mundo, a autoridade é aquela figura que representa toda a humanidade e se compromete pela continuidade da civilização. Embora isto possa parecer uma postura reacionária ela não é, pois, a continuidade da civilização não significa a continuidade dos problemas e crises, significa que se compreenda a continuidade histórica da civilização, reconhecendo seu passado e aprendendo com ele, para que assim ocorram mudanças sociais. Arendt diz que a rejeição das figuras de autoridade pelos próprios adultos significa “que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças”. (Arendt, 2000, p.240).

Portanto, segundo Arendt, entendemos que a figura da autoridade tem importância central na sociedade, ela faz a mediação entre o presente e passado, não deixando que a civilização se perca em seu caminho, pois a ruptura total com as tradições e o passado a deixaria em uma posição complicada. Sem conhecer o passado como será possível qualquer mudança? Sem o conhecimento do passado é muito mais fácil recair em erros já cometidos no decorrer dos milhares de anos da civilização ocidental, neste ponto a educação das futuras gerações precisa da figura da autoridade, resgatando o respeito à tradição. Conhecendo o passado e sabendo seus pontos positivos e negativos será mais

fácil às futuras gerações criar um mundo novo, pois este novo só surge a partir do reconhecimento do velho.

Podemos notar que existem pontos em comum no que se refere à autoridade e sua relação com a educação, ou formação, em Adorno e Arendt. Ambos compreendem o seu papel central na educação, porém desenvolvem seus pensamentos de modos distintos.

Enquanto Adorno entende o conceito de autoridade como uma construção psicossocial, ou seja, está relacionada com o contexto social onde ocorre e com elementos psicológicos da construção subjetiva dos indivíduos, Arendt a compreende como uma construção histórica, baseada na tradição, onde a autoridade é transmitida de geração em geração.

Adorno compreende esta dimensão histórica do conceito e sua ligação com a tradição, porém ele admite a existência de outros tipos de autoridade, como a autoridade técnica, por exemplo, quando um homem conhece mais sobre determinado assunto do que outro, e também adiciona elementos da psicologia, como o fato dos indivíduos se submeterem a influências estranhas por medo da perda de amor como já explanamos em outro momento, mostrando uma maior complexidade na construção da figura de autoridade e na relação dos indivíduos com a mesma.

Nos parece que Arendt fala de um único tipo de autoridade, algo que existiu no passado, e que não existe mais, Adorno explica que cada contexto social constrói suas figuras de autoridade com seu sentido próprio.

Outro ponto tratado de forma diferente pelos autores aparece quando Arendt nos diz que a autoridade deve se *comprometer* pela continuidade da civilização, tomando a responsabilidade por ela, pois é nesta linha histórica contínua que pode surgir algo novo, o esquecimento e abandono total do passado pode fazer com que a sociedade regreda e cometa erros já ocorridos em sua história milenar. Adorno, ao tratar desta questão de *compromisso* nos diz: “considero ser uma ilusão imaginar alguma utilidade no apelo a vínculos de compromisso ou até mesmo na exigência de que se restabeleçam vinculações de compromisso para que o mundo e as pessoas sejam melhores”. (2006, p.124). O pensador frankfurtiano entende que os vínculos de compromisso estão muitas vezes relacionados à heteronomia, como se o compromisso se tornasse algo que se impõe como obrigação, e não pela vontade própria ou reflexão autônoma, portanto a autoridade deve possuir a consciência de seu papel e sua importância.

Ao invés de compromissos Adorno aponta a autonomia dos indivíduos como a única maneira de haver uma melhora real na sociedade, ou seja, só em um estado de autodeterminação consciente dos indivíduos que estes assumiriam realmente a responsabilidade pelo mundo, para Adorno o surgimento do novo não se relaciona com vínculos de compromisso que podem gerar heteronomia, mas sim com um estado de consciência crítica que deve partir de cada indivíduo.

Concluindo nossas comparações percebemos que apesar de trilhar caminhos diferentes os autores chegam a um ponto final em comum. Ambos compreenderam a importância da autoridade na educação e formação das crianças e jovens, mas não incentivam que os indivíduos se deixem dominar por essas figuras em sua vida adulta, ela deve ser superada. Em ambos entendemos que esta figura de autoridade tem como principal função fazer a mediação desses jovens com o passado e com a tradição da civilização, isto é importante, pois, tendo consciência histórica dos erros da humanidade eles podem construir novos caminhos, podem transformar a sociedade, não rompendo totalmente com o que ela foi e o que ela é, mas adotando uma linha de esclarecimento contínuo.

Esta relação entre ruptura e continuidade é muito importante e complexa. Adorno nos alerta que é necessário elaborar o passado para que este não se repita em suas piores atrocidades, portanto a ruptura que vise uma transformação mais significativa deve manter vivas as memórias do passado para que estas possam ser objeto de constante reflexão.

As figuras de autoridade da família são de extrema importância para esta questão de se compreender a importância das memórias do passado, pois os pais são os primeiros modelos segundo os quais as crianças vão se basear para desenvolver sua personalidade e através deles vão aprender a dar valor a determinados comportamentos, por exemplo, compreender o valor de manter vivas as memórias do passado, é através da relação com os pais que os indivíduos vão aprender a se socializar, sendo assim, no próximo capítulo iremos tratar sobre a temática da família.

CAPÍTULO 3

A FAMÍLIA E SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTITUIÇÃO DOS INDIVÍDUOS

Neste capítulo vamos explicar a situação histórica da família, nos detendo mais especificamente na família burguesa e em sua transformação ocorrida na passagem do capitalismo liberal para o capitalismo tardio. Pensaremos sobre qual seu papel no processo formativo, ou seja, como ela tem importância predominante no desenvolvimento psíquico e do caráter dos indivíduos, os influenciando de maneira consciente e inconsciente, possuindo também grande importância para a manutenção da ordem social.

No livro *A Família em Desordem* argumenta-se que a família é uma instituição universal, pois se encontra presente em praticamente todos os tipos de sociedades conhecidas. Segundo Roudinesco, a família possui uma universalidade que é fruto tanto de um fator biológico, que seria a união sexual entre homem e mulher e a procriação, quanto de um fator cultural, este seria a proibição do incesto, pois ela é compreendida como fundamental para formação da família e também para a passagem dos homens de um estado de natureza para a cultura; entretanto é preciso compreender que estas duas premissas ocorreram em sociedades diversas e de modos diversos.

Durante o desenrolar da história a palavra família se referiu a diferentes realidades:

Quanto à família conjugal dita “nuclear” ou “restrita”, tal como a conhecemos hoje em dia no Ocidente, trata-se de uma longa evolução – do século XVI ao XVIII – durante a qual o núcleo pai-mãe-filho(s), de que fala Lévi-Strauss, se destacou do que outrora se constituía as *famílias*: um conjunto, uma “casa”, um grupo, que incluía os outros parentes, as pessoas próximas, os amigos, os criados. (ROUDINESCO, 2003, p.18)

Roudinesco distingue três períodos na história da família: primeiramente a família tradicional, dominada pelo poder patriarcal, neste período os casamentos eram arranjados e ocorriam em idades muito precoces, sua função principal seria a transmissão do patrimônio; um segundo período seria o da família moderna, nele existe a relação afetiva, ocorre a divisão do trabalho entre marido e mulher, e a educação do filho é dever do estado; no terceiro período a família contemporânea surge à partir da década de sessenta, nela existe a vontade de satisfação de desejos privados, as relações do casamento passam a ter uma duração não tão longo, pois surgem os divórcios, o que torna mais difícil a transmissão da autoridade (2003, p.19).

A instituição “família” deve ser compreendida conforme a realidade social na qual está inserida, tanto no que diz respeito de seus modos de ser durante a história como de suas estruturas íntimas.

Historicamente a família aparece inicialmente como relação espontâneo-natural, que vai posteriormente se diferenciando até chegar à figura moderna da monogamia, criando – em virtude desse processo de diferenciação – uma esfera separada da esfera das relações privadas. (ADORNO, HORKHEIMER, 1987, p.213)

Embora ela crie a ideia de uma esfera privada, separada das relações sociais públicas, a família na verdade é submetida a uma dupla dinâmica social: 1º a crescente socialização vai contra a irracionalidade e espontaneidade do ordenamento familiar, 2º a desigualdade entre o indivíduo e as forças sociais totalitárias que o oprimem, fazendo com que ele busque refúgio no microcosmo da família. Portanto a família sofre tanto pelo progresso da civilização (socialização), como também é fortalecida pelo mesmo, ou seja, sua esfera privada não se encontra totalmente isolada da esfera social pública.

Adorno e Horkheimer defendem, em seu texto *Sociologia da Família*, que a esfera íntima da família, considerada como uma característica natural, é na verdade uma invenção moderna, para justificar tal tese se utilizam do seguinte exemplo: no livro *Fédon* de Platão, momentos antes e sua morte Sócrates manda embora sua família para falar tranquilamente com seus amigos, dando a entender que talvez naquela época a família não tivesse a importância e as características que a modernidade lhe atribuiu. Só na modernidade os familiares são internalizados como entes queridos.

Ainda que a família não possa se desfazer de sua origem natural, das relações biológicas, este elemento parece ser irracional perante a tendência social de desenvolvimento com relações baseadas na troca (trabalho e consumo). Adorno também nos diz que é difícil aceitar que a família já possuiu outras formas, que não a forma patriarcal monogâmica da sociedade burguesa.

Bachofen, partindo da escolha histórica contrária do direito natural, capitaneada por Savigny, lançou as bases da concepção depois desenvolvida por Morgans e Engels, segundo a qual o estado originário [da família] é caracterizado pela promiscuidade, da qual depois se desenvolveu o matriarcado, que finalmente é substituído pelo patriarcado. (ADORNO, HORKHEIMER, 1987, p.214)

Com esta nova concepção a família perde seu status de “relação natural” do homem com sua mulher, e se compreende que ela está inserida na dinâmica histórica.

Podemos então compreender que a família passou por transformações durante o desenvolvimento social, os sociólogos concordam que ela passa por uma crise na modernidade, mas qual a natureza de tal crise? A crise da família moderna pode ser compreendida no antagonismo inerente ao modelo de família tradicional monogâmica e a sociedade baseada nas relações de trabalho e consumo, pois a família era baseada em laços de sangue, “naturais”, enquanto as relações na sociedade são baseadas pela leis da economia. Durante o capitalismo liberal ela se adaptou às exigências sociais, porém, durante o capitalismo monopolista sua força se enfraquece juntamente com o enfraquecimento das figuras de autoridade de um modo geral.

3.1 A situação da família no capitalismo liberal

Roudinesco (2003, p.37) compreende que neste período do capitalismo liberal a estrutura familiar usa como modelo uma iconografia cristã, dominada por José o carpinteiro, deste modo o pai, tendo como modelo a figura de José, se torna uma autoridade mais próxima da família, diferentemente dos monarcas do passado que exerciam um reinado distante e abstrato.

Apesar de continuar a ser a figura de máxima autoridade na família o pai perde, no decorrer do tempo, aquele caráter de dominador e se transforma em uma figura mais ética. Após a Revolução Francesa, de 1798, o Estado também passa a avaliar a conduta paterna, este deve se submeter ao novo conjunto de leis presente na *Declaração dos Direitos Humanos*. Longe de destruir a família, os revolucionários buscaram, ao contrário, fazer dela o pivô da nova sociedade.” (Roudinesco, 2003, p.39)

O poder patriarcal na família era visto com naturalidade pela família burguesa, este poder tinha sua raiz na força física e, principalmente, no poder econômico do pai. “A ordem familiar econômico-burguesa repousa portanto em três fundamentos: a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos.” (Roudinesco, 2003, p.38)

A instituição familiar representa um elemento irracional para a racionalidade técnica durante o capitalismo liberal, contudo, ela se adaptou a esta sociedade, pois seu poder de autoridade “irracional”, ou seja, o poder do pai que submete seus filhos e os educa através de uma relação de respeito pela autoridade, foi o único capaz de fazer o

homem praticar esforços e trabalhar de maneira disciplinada “nas condições de assalariado separado dos meios de produção”, construindo assim sua vida e contribuindo para a manutenção da ordem burguesa.

Assim como a realidade se reflete no meio deste círculo [família], a criança que cresce dentro dele sofre sua influência. A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa. (HORKHEIMER, 1990, p.214)

A subordinação dos indivíduos perante as relações com autoridades precisa da interação constante das instituições sociais, como o exército, igreja, clubes, e também a família, esta subordinação mediada pelas instituições sociais pode ocorrer de maneira consciente ou inconsciente. A família produziu a identificação com a autoridade, esta identificação é importante, pois substituiu, por exemplo, relações mais violentas de poder e opressão existentes em outros períodos históricos, como ocorriam entre senhores e servos na era do feudalismo, ou mesmo nas relações de escravidão.

A autoridade internalizada na esfera familiar era transportada para outras figuras no interior da sociedade, deste modo os homens se submetiam à situação de assalariado separado dos meios de produção, sem se fazer necessário o uso da força física, pois a família transmitia os valores exigidos pela sociedade, deste modo a formação os condicionou a aceitar e entender tal situação.

No universo do trabalho assalariado não basta obedecer à autoridade, era preciso querer a obediência (Adorno, Horkheimer, 1987, p.216). A ideologia da obediência, e do querer obedecer, é algo para o qual a sociedade burguesa tende desde seu início. Os autores dizem que isto resulta do simples uso da razão, “quem reconhece o mundo de um modo sóbrio reconhece que precisa se subordinar.” A família burguesa caminha neste sentido de adequação à sociedade e subordinação a normas para alcançar objetivos, ou simplesmente para sobreviver, desde seu princípio.

Durante a história da família a submissão perante a autoridade se tornou um processo menos duro e mais racional. Durante o período do capitalismo liberal, os indivíduos perceberam através de sua inteligência que para alcançar o sucesso deveriam aprender a se ajustar. “A sujeição ao imperativo categórico do dever foi, desde seu início, um objetivo consciente da família burguesa.” (Horkheimer, 1990, p. 215).

Neste contexto de sujeição o filho podia pensar o que quisesse do pai, mais devia sempre obedecê-lo, para evitar conflitos. Isto porque o pai era tido como modelo de poder e sucesso, ele tinha tendencialmente sempre razão, por isso ao filho só restava associar a ele todas as características positivas, transformando a realidade, a figura do pai, em um modelo ideal.

A partir da autoridade paterna a criança formava seus valores morais e sua consciência, assim ela passava a amar e respeitar aquilo que lhe parecia ser a realidade existente, aprendendo a se relacionar com a autoridade burguesa não apenas no interior da família, mas também em outras situações sociais. ”A criança, ao respeitar na força paterna uma relação moral e, assim, aprender a amar no seu coração aquilo que ela, com a sua inteligência, constata como existente, aprende a primeira lição na relação burguesa de autoridade.” (Horkheimer, 1990, p.216)

Uma vez internalizados os padrões de comportamento do pai, através da identificação, a criança adota tais padrões como sendo seus, como comportamentos e pensamentos que fazem parte de sua natureza, por isso a idéia de que a submissão à autoridade constrói uma segunda natureza, ela é a base da construção da personalidade e do superego.

A família era, portanto, “lugar de adestramento para a adequação social”, pois ela formava os homens satisfazendo as exigências do sistema social. Ela racionalizava o elemento irracional da força, submetendo-o às relações de autoridade. Desta forma a força de trabalho do indivíduo se adequava à lógica capitalista, onde os indivíduos vendem sua força trabalho, muitas vezes por valores injustos.

A educação dos pais no capitalismo liberal fazia com que a criança procurasse as causas de seu fracasso em si mesmos e não em seu exterior. Quando tal educação não era dura demais e havia a presença amorosa da mãe, desta educação se faziam homens capazes de buscar a causa de suas fraquezas em si mesmo, e que possuíam “espírito independente, amor pela livre escolha e de disciplina interior, que sabiam manifestar tanto a autoridade quanto a liberdade”. (Adorno, Horkheimer, 1987, p.221). Ou seja, a família poderia cumprir sua função de formar homens com “consciência, a capacidade de amar e a coerência”.

A família burguesa cumpriu seu objetivo de formar cidadãos com as características exigidas no auge do capitalismo liberal, “produzir personalidades suficientemente fortes para travar a batalha da competição e suficientemente submissas para aceitar a autoridade, quando inelutável – tal como a autoridade do mercado.” (Rouanet, 1989, p.124) Desta

maneira a sociedade burguesa conseguiu se perpetuar, as tendências objetivas do desenvolvimento técnico da sociedade administrada se impuseram sobre a família, mas ela se adaptou preparando a estrutura psicológica dos indivíduos para se integrarem ao sistema vigente. A pressão que o pai impunha sobre o filho o preparava para a pressão econômica/social que ele enfrentaria em sua vida adulta.

3.2 A situação da família no capitalismo tardio

No século XX, durante o capitalismo monopolista, as empresas familiares desaparecem e começam a surgir os trustes, cartéis, monopólios, diminuindo o poder econômico da família. “O relacionamento com os pais começa a ficar cheio de sombras. Por sua impotência econômica, eles perderam o temor que infundiam.” (ADORNO, 1993, p. 16) Assim a família, principal instância formadora do aparato psíquico do indivíduo durante a primeira infância, que tinha como fundamento a autoridade, perde sua importância, a figura paterna perde sua autoridade, um dos motivos foi sua impotência econômica.

Horkheimer diz que os pais já não têm tanta importância na educação dos filhos, isto porque suas responsabilidades foram transferidas para as escolas e grupos sociais, contribuindo para o enfraquecimento da resistência individual.

A mudança de papel dos pais, através da transferência crescente de suas funções educacionais para a escola e para os grupos sociais que vem se realizando na vida econômica moderna, é responsável em grande parte pelo gradual desaparecimento da resistência individual às tendências sociais predominantes. (HORKHEIMER, 1976, p. 125)

Para os autores da teoria crítica (Adorno, Horkheimer, Marcuse) o motivo para o declínio da autoridade paterna, e da família de modo geral, foi principalmente a passagem do capitalismo liberal, da livre empresa, para o capitalismo monopolista, esta mudança econômica modifica o mundo do trabalho, assim a maioria dos homens passa a ser funcionário de determinada empresa, enquanto antes era o administrador de seu próprio negócio. Tais mudanças penetram na vida dos indivíduos e causam modificações profundas, até mesmo em sua formação psicológica e moral.

A possibilidade de tornar-se um sujeito econômico, um empresário, um proprietário está completamente liquidada. As empresas autônomas

(incluindo-se aí as mais humildes lojinhas), cuja direção e transmissão hereditária constituem a base da família burguesa e da posição de seu chefe, caíram numa dependência sem perspectivas. Todos tornaram-se empregados e, na civilização dos empregados, desapareceu a dignidade (aliás duvidosa) do pai. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.143)

Mesmo que a figura autoritária do pai não fosse perfeita ao afirmar o princípio de realidade ela não era tão ruim quanto a situação atual, que imprime um “infantilismo elevado à norma” em todas as ações. Sem um aprofundamento cultural o indivíduo só percebe o superficial, não conhecendo a realidade acaba se relacionando de maneira ingênua com a mesma, sem uma consciência crítica de toda estrutura opressora da sociedade emerge esse infantilismo como um padrão de conduta.

À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX. (ROUDINESCO, 2003, p.21)

Quando ocorre esta mudança no quadro social e os pais perdem o lugar de modelos no processo de formação, se torna mais complicada a tarefa do indivíduo de manter o controle das pulsões. Nesta situação de impotência econômica das famílias no capitalismo tardio a sociedade não está fornecendo condições básicas para a manutenção de uma vida digna, isto desestimula o controle das pulsões irracionais, pois, de um modo implícito, o homem aceita se submeter à ordem estabelecida e a uma vida civilizada inserido na sociedade em troca dos privilégios que esta vida pode oferecer, como conforto, proteção e segurança, aspectos que em muitos momentos não estão presentes na vida da maioria da população mundial.

Deste modo ocorre um desequilíbrio entre o que a autoridade familiar exige e aquilo que ela oferece. Uma vez que a família não é mais capaz de proporcionar conforto material e segurança perante a pressão do capitalismo tardio, toda a justificação que fortalece sua autoridade se enfraquece. “A crise na família é de natureza social”. (Adorno, Horkheimer, 1987, p.218)

É difícil duvidar de que o inconsciente infantil reaja a tais modificações e de que a vida emocional dos filhos não sofra um congelamento, na atmosfera fria da família. O fenômeno generalizado de delinquência infantil é indicativo do estado atual da família como tal. (ADORNO, HORKHEIMER, 1987, p.220)

A família perde cada vez mais sua função de instruir e educar. Porém, isto também está ligado ao fato de que “a formação cultural perdeu sua utilidade prática”, neste sentido os filhos até evitam tal educação e buscam atender as exigências da sociedade do consumo, mesmo antes de tais exigências se fazerem presentes em suas vidas. Na atualidade isto fica claro uma vez que ocorre a extrema valorização dos cursos técnicos, e das escolas que preparam para o vestibular, assim a educação se confunde com uma simples preparação para o mercado de trabalho.

Durante o capitalismo liberal o indivíduo possuía certa mobilidade e autonomia para se movimentar no mercado de trabalho, já na era dos grandes monopólios “as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada pelo esquema da cultura de massa...” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.189) Percebemos que nesta conjuntura, onde ocorre a perda de força da família, se perde também a força de resistência individual, que era produzida pela repressão dos instintos, mas que também possibilitava uma individuação mais sólida.

Ora, essa situação, em que o ego e o superego se formavam na luta com o pai como representante paradigmático do princípio de realidade, é uma situação histórica: ela deixou de existir com as transformações da sociedade industrial que se produziram no período entre guerras. Enumero alguns fatos conhecidos: passagem da concorrência livre à concorrência organizada, concentração do poder nas mãos de uma administração técnica, cultural e política onipresente, produção e consumo de massa que se expandem automaticamente, sujeição de dimensões outrora privadas e anti-sociais da existência ao adestramento, manipulação e controle metódicos.(MARCUSE, 1998, p.94)

Apesar de ainda existirem, nos dias atuais, relações de amor e ódio entre a criança e seu pai na primeira infância, não ocorre mais o *complexo de Édipo*, pois a criança descobre mais rapidamente que o pai não é a personificação da força, justiça, bondade, esses valores positivos são identificados fora da família, no artista de cinema e televisão, ou nos astros do esporte. Esta descrença no pai ocorre mais rapidamente, pois ele não representa mais a força e o poder, não pode mais propiciar toda proteção que a criança espera.

sob o domínio dos monopólios econômicos, políticos e culturais a formação do superego maduro parece, agora, saltar por cima do estágio de individualização: o átomo genérico torna-se diretamente um átomo social. A organização repressiva dos instintos parece ser *coletiva*, e o ego parece ser prematuramente socializado por todo um sistema de agentes e agências extrafamiliares. Ainda no nível pré-escolar, as turmas, o rádio e a televisão fixam os padrões para a conformidade e a rebelião; os desvios

de padrão são punidos não tanto no seio da família, mas fora e contra a família. Os especialistas dos meios de comunicação com a massa transmitem os valores requeridos; oferece o treino perfeito em eficiência, dureza, personalidade, sonho e romance. Com essa educação a família deixou de estar em condições de competir. (MARCUSE, 1968, p.97)

Claro que, com estas considerações críticas a respeito do processo de declínio da autoridade familiar no capitalismo monopolista, não queremos defender aquela educação que ocorria no interior da família patriarcal no auge do capitalismo liberal, ela também era problemática, pois o indivíduo burguês era submetido perante “a dureza da sociedade competitiva... em sua aparente liberdade ele era fruto de sua aparelhagem econômica e social.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.145).

Uma criança criada dentro destes ideais de submissão, trabalho, poder, poderia acabar sendo dominada pelo pensamento fixo no poder, e levada a compreender o mundo dentro de estruturas hierárquicas rígidas baseadas no dinheiro e no prestígio, sem levar em conta outras qualidades mais humanas e sensíveis.

Um acontecimento interessante de nossa época, no que se refere às famílias do capitalismo tardio, é apontado pela psicanalista Elisabeth Roudinesco (2003), este seria o fato de que os homossexuais, tanto homens quanto mulheres, estão lutando pelo direito de casamento, de ter filhos, ou seja, manifestam o desejo de se enquadrar na estrutura familiar, estrutura esta que em outros momentos eles eram contrários por representar o conservadorismo, e que sempre os deixou à margem. Nesta nova situação o medo dos conservadores não é mais a oposição contra a família por parte dos homossexuais, mas sim seu desejo de se submeter a ela, isto seria perigoso por acabar com o papel tradicional da família, com a figura de autoridade do pai e com a autoridade de modo geral. Segundo os conservadores este fato tornaria a família “pervertida em sua função de célula base da sociedade.” (Roudinesco, 2003, p.10)

Através do declínio do poder patriarcal ocorreu a possibilidade dos homossexuais buscarem sua normalização no interior da estrutura familiar. Mesmo com estas transformações percebemos que a família permanece com uma instituição muito importante para a sociedade mesmo tendo passado por diversas mudanças, como as famílias originadas de união homossexual, as famílias com mães solteiras, os pais divorciados, etc.

Outra mudança ocorrida na organização da família foi a mudança do papel feminino na sociedade.

a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades econômicas encontradas pelas famílias... É preciso considerar que, além da participação feminina no mercado de trabalho, um elemento que atuou de forma decisiva na redefinição na posição da mulher, na família e na sociedade, foram as várias correntes do movimento feminista. (ROMANELLI, 2000, p.77)

Deste modo as mulheres conquistam uma nova posição tanto no interior da dinâmica familiar como no interior da sociedade de modo geral. Como a esposa adentra o mercado de trabalho também se torna provedora financeira da família, assim, sua relação com seu marido e filhos se modifica, o pai não é mais o único provedor, portanto passa a dividir com a mulher seus direitos e deveres. No entanto, Romanelli (2000) explica que estes acontecimentos não eliminam a hierarquia familiar, onde o marido ainda tem predomínio. Esta relação mais aberta e equilibrada entre os gêneros se dá de modo distinto conforme as classes sociais, ou seja, possui maior ocorrência em famílias de classe média, com maior escolaridade e abertas a mudanças.

Dentro das novas organizações familiares as figuras de autoridade ainda existem, pois os pais (homossexuais, mães solteiras, pais divorciados) ainda servem de base para a formação da personalidade das crianças e jovens, continuando a transmitir seus valores e crenças. O declínio da autoridade do pai não significa o fim de todo o tipo de autoridade, porém, não devemos deixar de observar que a autoridade familiar está em crise.

Entendemos que no presente a família passa por um momento crítico, pois ela “representa uma das formas sociais que, como elementos da atual estrutura cultural, devido contradições e crises cada vez mais acentuadas, executam de forma cada vez pior suas funções em si necessárias...” (Horkheimer, 1990, p.217), contudo, sua importância na formação dos indivíduos é fundamental, seu potencial formador é enorme.

A família não era, e ainda não é, o lugar onde ocorrem apenas a submissão e identificação perante a figura de autoridade, ou a introjeção da ordem vigente, podendo atuar a favor e contra a submissão dos indivíduos. Ela também proporciona um lugar onde os homens ainda podem ter outro tipo de relação que não a de trabalho, no interior da família ainda existem relações de amor e carinho entre seus membros, ou seja, ela também permite que os homens tenham relações mais humanas, “a família proporciona um quadro afetivo, não regido por valores de troca, em que os indivíduos são valorizados por si mesmos, e não como unidades do processo econômico, ou como titulares de papéis societários.” (Rouanet, 1989, p.161)

Portanto, consistindo em uma instituição tão importante para os indivíduos e para a sociedade, a reflexão sobre as modificações que a família passou durante nossa história recente é fundamental para que ela seja mais bem compreendida.

Enquanto não se alterarem de forma decisiva a estrutura básica da vida social e a cultura da época social que depende desta estrutura, a família, como geradora de determinados tipos de caráter autoritários, irá exercer sua indispensável influência. Ela constitui um elemento importante do contexto regular que domina este período histórico. (HORKHEIMER, 1990, p.224)

Nesta seção apenas nos utilizamos das reflexões, principalmente de Adorno e Horkheimer, para entender qual foi o papel da família naquele contexto de passagem do capitalismo liberal para o monopolista, e por qual situação ela passa no capitalismo monopolista. No próximo capítulo veremos como esta crise da família e o enfraquecimento das figuras de autoridade de modo geral diminuiu a resistência dos indivíduos, os deixando mais suscetíveis às dominações de sistemas totalitários e também da indústria cultural.

Capítulo 4

O DECLÍNIO DA AUTORIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO PROCESSO FORMATIVO

No contexto do capitalismo tardio podemos notar que a instituição familiar perde sua posição no processo formativo em detrimento de instituições extrafamiliares, isto afetará a formação do indivíduo porque, como já vimos antes, as figuras de autoridade da família deveriam fazer a mediação entre as crianças e a cultura, possuindo um papel fundamental no desenvolvimento do caráter e na dinâmica psicológica dos indivíduos.

a ascensão dos monopólios econômicos acarretou o declínio da figura do empresário independente, e, com ele, o declínio da autoridade paterna no interior da família burguesa. Com a decadência do capitalismo liberal, ocorreu a decadência da própria individualidade, e, com ela, a produção de egos fragilizados, heterônimos, despreparados para uma relação autônoma com o imperativo da adaptação. (BUENO, 2009, p.40)

Além da perda de poder econômico, outro fator que contribui para a perda da autoridade do pai foi a rapidez com que ocorreram as inovações tecnológicas no decorrer do século XX, estas inovações tornam a experiência vivida pelos pais algo ultrapassado, deste modo se enfraquece seu papel de modelo. Atualmente percebemos que em muitos casos são os filhos que estão servindo de modelo para que os pais adentrem no mundo da tecnologia.

Sedimentado na tradição efetivamente vivida, e considerado adequado para organizar o presente dos filhos, o saber do genitor era por ele utilizado para preservar uma estrutura hierarquizada na família. No entanto, a rapidez das mudanças que afetam a família tornam o saber acumulado pelo pai inadequado para fazer face a situações novas, que não foram vividas por ele e sobre as quais sua experiência é nula. (Romanelli, 2000, p.82)

As mudanças não acontecem apenas no campo tecnológico, como já vimos anteriormente as mulheres também aumentam seu poder através de sua inserção no mercado de trabalho e da luta por direitos iguais através do movimento feminista, modificando assim as relações sociais. Além disto a indústria cultural produz novos astros do cinema e do esporte a todo instante, produz novas tendências de comportamento, novos ideais, novos “produtos culturais”. Nesta sociedade que se reproduz em ritmo alucinante as

figuras de autoridade, tanto o pai quanto a mãe, perdem seu predomínio na influência sobre os jovens.

Um exemplo deste declínio da influência dos pais sobre seus filhos pode ser encontrado em uma matéria, publicada no site <http://tecnologia.br.msn.com>, intitulada “*Crianças preferem consultar o Google que a seus próprios pais*”. Ela apresenta os resultados de uma pesquisa realizada pelo Birmingham Science City, localizado no Reino Unido. Nesta pesquisa foram feitas entrevistas com quinhentas crianças entre seis e quinze anos de idade, como resultado ela diz que “54% das crianças prefere perguntar e tirar dúvidas no Google do que com os seus próprios pais”. Estes dados impressionantes, apesar de não representarem uma realidade mundial, mas dizerem respeito a uma determinada região do Reino Unido, nos aponta uma tendência que pode ocorrer com o aumento crescente do acesso à internet em todo o mundo.

Deste modo vemos como os pais estão ficando em segundo plano nas experiências de aprendizagem de seus filhos. O problema é que, enquanto ocorria a submissão perante as figuras de autoridade dos pais ainda existia a possibilidade de superação desta situação de heteronomia através do amadurecimento, porém, a submissão perante a indústria cultural e às novas tecnologias torna o indivíduo dependente das mesmas, prolongando o seu estado de menoridade durante sua vida adulta.

4.1 Os mecanismos de identificação e projeção, e suas formas corrompidas

Ao analisarmos a primeira metade do século XX, com as crises da Primeira e Segunda Guerra Mundial (1914-1918/1939-1945) e a quebra da bolsa de 1929, encontrávamos a sociedade capitalista em um momento delicado, o proletariado passava por um período difícil de grande pauperização, um grande paradoxo notado pelos frankfurtianos era entender como o proletariado na Europa, mesmo passando por uma difícil situação, ainda apoiava os governos totalitaristas (como o nazismo alemão e o fascismo italiano), indo contra seus próprios interesses. Posteriormente, quando exilados nos Estados Unidos, perceberam que a submissão dos indivíduos também ocorria perante outro tipo de dominação, através da indústria cultural.

Para estas reflexões eles encontraram na psicanálise de Freud uma importante ferramenta, dois conceitos da psicanálise são fundamentais para que os frankfurtianos compreendessem o comportamento irracional do proletariado, o de *identificação* e o de *projeção*.

Por identificação podemos entender a assimilação total ou parcial de características de um indivíduo por outro, “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo”. (FREUD, 1976 A, p.56). Ela ocorre durante toda a vida, desde as fases mais primárias, até o momento da identificação com o pai e a superação do complexo de Édipo, e depois com identificações secundárias na vida adulta. Segundo Freud:

são gerais e duradouros os efeitos das identificações iniciais, sucedidas na idade mais tenra. Isso nos leva de volta à origem do ideal de Eu [superego], pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. (FREUD, 2011, p.38)

Freud se refere à identificação da pré-história pessoal porque neste caso o indivíduo se encontra em uma fase inicial de seu processo de formação, o que existe são o ego e o superego em fase de desenvolvimento. É durante as identificações da primeira infância que o indivíduo incorpora leis, normas sociais e assim seu caráter é formado, é por meio dela que se incorpora a normatividade vigente e o superego é criado.

A projeção é o ato de localizar em seu exterior, outra pessoa ou coisa, atributos e desejos que o sujeito não deseja possuir, e é importante para que possamos diferenciar o mundo interior do exterior. Ela é um mecanismo de defesa que é encontrado geralmente no pensamento paranoico, mas também está presente no pensamento normal. A ocorrência normal da projeção seria no caso do indivíduo exteriorizar algum sentimento de desprazer que tem origem em seu próprio interior, servindo como um mecanismo de defesa e possibilitando a fuga do mesmo; ela “desempenha um papel positivo na medida em que fornece a motivação para traçar as fronteiras entre o mundo interior e o mundo exterior, e como tal exerce uma importante função epistemológica...” (Rouanet, 1989, p.140)

Rouanet (1989) esclarece que para os frankfurtianos o conceito de identificação ganha outro sentido, ele pode ser “uma arma da razão Iluminista”. Enquanto em Freud ele forma a personalidade contribuindo para a individualização, nos frankfurtianos ele foi interpretado com uma contribuição para a dissolução na cultura, pois o indivíduo pode se

identificar com a ideologia dominante, isto devido ao caráter alienador da razão instrumental sob o contexto do capitalismo monopolista.

Na época de Freud, ascensão da burguesia, auge do capitalismo liberal, era possível a formação de pessoas com um ego bem desenvolvido para sobreviverem à competição acirrada de sua época, hoje em dia, com a dominação dos grandes trustes a grande maioria da população se encontra na situação de empregados subordinados aos aparatos técnicos de dominação. Portanto, no capitalismo tardio estes dois momentos (identificação e projeção) não se desenvolvem como poderiam convertendo-se em falsa identificação e falsa projeção. Isto significa que o aparato psíquico do indivíduo não se desenvolve plenamente, por conseguinte ele age de maneira contraditória e irracional. Esta situação pode ser compreendida como uma consequência da passagem das autoridades tradicionais para as autoridades da indústria cultural e da economia.

A identificação deveria levar à emancipação, através da interiorização e superação dos modelos internalizados durante a infância. Porém, esta identificação que existia no capitalismo competitivo não existe mais. Submetido à pseudo-identificação o indivíduo é totalmente absorvido, não dispõe mais do modelo paterno como base para a formação de sua própria individualidade. Como consequência ocorre a identificação com líderes, ou a identificação com os astros da indústria cultural, que na verdade é a identificação com o próprio aparato totalitário do qual a indústria cultural faz parte.

Na falsa projeção, ao invés da projeção ajudar o indivíduo representar objetivamente a realidade, diferenciando sua realidade interior da exterior, ele passa a projetar suas ideias de forma descontrolada, representando ilusoriamente a realidade.

Quando descrevem a falsa projeção, os autores [Adorno e Horkheimer] indicam a predominância do sujeito sobre o objeto – o idealismo, a paranóia – e o predomínio do objeto sobre o sujeito – o positivismo. No primeiro caso o indivíduo projeta sem controle sobre o objeto, esse é só ocasião de seu delírio; no segundo, o controle da projeção só permite a reprodução do que é percebido. (CROCHIK, 2010, p.36)

Adorno e Horkheimer dizem que a falsa projeção seria como o reverso da mimese⁵, pois:

⁵ Segundo Horkheimer a mimese é um *mecanismo psicológico*: “... o impulso mimético na criança, sua insistência em imitar tudo e todos, inclusive seus próprios sentimentos, é um dos meios de aprendizagem, particularmente naqueles estágios primitivos e quase inconscientes do desenvolvimento pessoal que determinam o futuro caráter do indivíduo, seus modos de reação e seus padrões de comportamento em geral”. (1976, p.125)

a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se familiar, a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.174)

Através da mimese ocorre a uniformidade entre o sujeito e ambiente, e a perda de traços individuais; a falsa projeção seria a imposição de traços individuais inconscientes que moldariam o ambiente, impedindo a compreensão real do mesmo. Na época em que o pensamento mítico predominava, primórdios da civilização, a mimese era o modo de conduta adotado pelos homens, “a *mimesis* integra os procedimentos mágicos que tem por alvo a defesa do sujeito fraco e amedrontado contra os poderosos inimigos exteriores.” (Gagnebin, 2006, p.68) Gagnebin argumenta que a mimese é inimiga do processo de esclarecimento (*Aufklärung*), pois através dela o sujeito não enfrenta os perigos e também renuncia a sua posição de sujeito, ele apenas busca se tornar semelhante às forças da natureza.

a *Aufklärung* tem horror à mimesis... porque suspeita nela, não sem razão, essa poliformia tão perversa como prazerosa, que solapa as bases de sustentação de uma identidade clara, bem definida, funcional, uma identidade que aprendeu a se dobrar às imposições do trabalho e da eficiência da produção capitalista. (GAGNEBIN, 2006, p.68)

Assim como a mimese é uma posição extrema de dissolução do indivíduo no meio em que ele vive, a falsa projeção, enquanto seu oposto, seria a posição extrema onde o indivíduo se impõe sobre o meio distorcendo a realidade e impossibilitando sua compreensão.

Como um exemplo de falsa projeção podemos citar o preconceito dos antissemitas sobre a figura dos judeus, como Adorno nos mostra no livro *Authoritarian Personality*. O antissemita cria uma fantasia sobre o judeu, características fixas são atribuídas a ele (ex: estão em toda parte, são grosseiros, só pensam em dinheiro, irão dominar o país, tem muito poder, forte influência na política, na econômica e no cinema, são todos iguais, são unidos), porém tais características não têm relação com a realidade, o que caracteriza a falsa projeção. O problema é que a fantasia passa a ser a realidade do preconceituoso, impedindo-o de conhecer a realidade e até mesmo de ter experiências verdadeiras no

mundo. A falsa projeção desempenha o papel de proteger o preconceituoso do mundo, tornando a realidade inacessível e apresentando a fantasia em seu lugar.

Outro ponto importante é que a criação fantasiosa de um inimigo é uma projeção dos sentimentos de culpa reprimidos pelo próprio preconceituoso. A hostilidade (inconsciente) que nasce das repressões e frustrações do indivíduo no decorrer de sua vida tem a necessidade de procurar objetos substitutos, ela se desvia de sua verdadeira causa. Encontrando outro alvo o indivíduo confere um ar de racionalidade à sua hostilidade e evita “uma manifestação mais radical do bloqueio das relações do sujeito com a realidade”. O indivíduo bloqueia a relação com a realidade para não se defrontar com suas frustrações e angústias.

comenzamos com la tesis general de que la hostilidad (mayormente inconsciente) dimanada de las frustraciones y repreciones, y desviada en la vida social de su verdadero objeto, *tiene necesidad* de um objeto sustituto que le sirva para adquirir visos de realidad y así esquivar, por así decirlo, manifestaciones más radicales del bloqueo de las relaciones de sujeto com la realidad, v. gr., una psicosis.(ADORNO, 1965, p. 571)

A falsa identificação faz com que o indivíduo seja expropriado de sua individualidade, ou seja, não existe construção interior de conhecimentos nem reflexão sobre estes, a sociedade impõe padrões de comportamento e de pensamento. Uma vez que o superego está fragilizado o indivíduo se submete a imposições externas; na falsa projeção, uma vez que o indivíduo é moldado a partir de seu exterior através da imposição dos padrões da sociedade, ele não consegue compreender a realidade ao seu redor de modo consciente, ele apenas incorpora a ideologia sob a qual se encontra submetido e assim projeta esta mesma ideologia, isso impossibilita a apreensão viva da cultura.

Quando o indivíduo se encontra nesta situação de fragilização, onde se forma a falsa consciência devido ao entrelaçamento das duas instâncias anteriormente citadas (falsa identificação e falsa projeção), ele se torna alvo fácil da indústria cultural, sendo incorporado a um processo de semiformação.

4.2 A Indústria Cultural e os novos modelos de identificação

Superado o período da crise econômica de 1929 na sociedade norte americana, e posteriormente na Europa durante a segunda metade do século XX, a sociedade tem a impressão de um estado de liberdade, e de que existem melhores condições materiais de vida. Porém, neste momento em que se desenvolve a Indústria Cultural eles são livres para escolherem sempre o mesmo, “a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher sempre a mesma coisa” (Adorno, Horkheimer, 1985, 156). Não se produz mais nada de novo, apenas acontece a reprodução do já existente, porém, com nova aparência. Esta padronização das mercadorias molda o “gosto popular” e assim determina o que deve ser consumido, toda novidade é rejeitada com antecipação por consistir em um negócio de risco.

Ocorre uma falsa reconciliação entre ideologia e realidade, e também entre o indivíduo e a sociedade, deste modo todo comportamento que se desvie do consumo padronizado é considerado como marginal. Segundo Zuin (1999), o princípio de individuação burguês, que se estabeleceu principalmente no capitalismo liberal, se desfaz com a indústria cultural, pois agora esta realiza a mediação entre indivíduo e a cultura, ou melhor, entre indivíduo e semicultura. Na atualidade se faz necessário que a identidade do indivíduo esteja relacionada com mercadorias, estas transmitem a ideia de características particulares, mas na verdade representam a padronização.

“Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.144) Uma vez que existe a integração total com a universalidade não existe mais a elaboração consciente e individual da cultura, ela é substituída pela pseudo-individualidade. Assim como ocorre a padronização dos meios de produção ocorre o mesmo com os próprios seres humanos. “As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.144-145).

A indústria cultural triunfa quando sua propaganda impõe aos consumidores a *identificação com os bens culturais*, com as ideologias, com os padrões de comportamento. A repetição de clichês é exatamente o que a torna tão poderosa, pela repetição permanente ela acaba levando as pessoas a se identificarem com a realidade opressora. O mecanismo da identificação passa a ser usada como um instrumento para que os indivíduos se identifiquem com o *status quo*.

Antes associada por Freud como uma etapa no processo de socialização, a identificação é agora uma forma de dominação, pois as pessoas compartilham da ilusão de que são livres e que realizam suas escolhas com autonomia. A liberdade no interior da sociedade é falsa porque o indivíduo não se autodetermina em seu processo de formação, instituições como a família, escola, igreja, exército e a indústria cultural fazem a mediação entre indivíduo e a realidade, portanto estas instituições determinam seu modo de ser. ■

nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. (ADORNO, 2006, p. 181)

Na sociedade do consumo, supostamente livre das imposições ideológicas típicas de regimes fascistas, encontramos justamente uma situação de ditadura da moda, de hábitos, de clichês que se impõem sobre a humanidade dizendo o que é a felicidade, o que é prazeroso e como devemos agir para alcançar sucesso, todo comportamento tende a seguir padrões pré-estabelecidos. “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.118)

Alguns podem dizer que a indústria cultural possibilita a democratização da cultura, pois faz com que a obra de arte tenha maior divulgação e possua um valor mais acessível, alcançando a população em lugares antes isolados, porém, Adorno e Horkheimer não concordam com esta ideia, eles compreendem que o processo de reprodução em massa transforma a cultura em mercadoria.

A eliminação do privilégio da cultura pela venda em liquidação dos bens culturais não introduz as massas nas áreas de que eram antes excluídas, mas serve, ao contrário, nas condições sociais existentes, justamente para a decadência da cultura e para o progresso da incoerência bárbara. (ADIRNO, HORKHEIMER, 1985, p.150)

Não queremos defender que a cultura deve ser privilégio de poucos, nem dizer que a sua disseminação seja ruim, porém, a maneira como isso ocorre através da indústria cultural não fornece as bases para que a cultura seja apreendida de forma autônoma, a própria sociedade não fornece as condições básicas para que isso ocorra devido à desigualdade social, a democracia que em teoria confere a todos os mesmos direitos e deveres não se realiza materialmente tampouco culturalmente. Bens culturais produzidos em uma linha de produção não possuem potencial formador e não estimulam o

pensamento. Eles se tornam apenas produtos padronizados e massificados, enquanto mercadoria seu valor cultural se perde e é substituído pelo valor de troca.

Ocorreu a redução da cultura a um status de mera diversão, a diferenciação entre a arte leve (diversão) e a arte séria foi abandonada, na indústria cultural ocorre um nivelamento por baixo de todo tipo de arte. Os consumidores da indústria cultural se preocupam apenas em se subtrair do ambiente de trabalho onde existem procedimentos repetitivos e padronizados para uma situação de alienação pela diversão, que também impõe ações padronizadas, e onde não existam preocupações. “A fusão atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p.134)

Divertir-se, nesse sentido perverso é o mesmo que esquecer. É interessante observar até que ponto o processo de mecanização atinge o cerne da nossa estrutura de personalidade, quando ‘inconscientemente’ dizemos a nós mesmos e aos outros que precisamos nos ‘desligar’ do trabalho, assistindo ao filme que não exige muito esforço do pensamento, que promova a tão esperada ‘diversão’.(ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2000, p.62)

Mesmo nestes momentos de “diversão” ainda realizamos atividades padronizadas. “A diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar do processo de trabalho mecanizado, para se pro de novo em condições de enfrentá-lo.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p. 128) O conteúdo prometido pelas mercadorias destinadas à diversão é apenas uma fachada, pois elas se constituem de sequências de operações padrão e seguem os modelos estereotipados das mercadorias. “A diversão favorece a resignação que nela quer se esquecer.” (Adorno, Horkheimer, 1985, p. 133)

O aparato de dominação da indústria cultural utiliza seus astros do cinema, TV, esportes, personagens que ele manipula e que são substituíveis. As personagens apresentadas têm a função de fazer com que seu público se identifique com elas, deste modo notamos como a falsa identificação ocorre, estes personagens que personificam a beleza, fama, sucesso e riqueza se tornam os modelos do mecanismo de identificação, substituindo as figuras de autoridade ultrapassadas.

O consumo dos bens da indústria cultural é uma forma de renúncia da realidade, pois os indivíduos consomem promessas que nunca se cumprem, e assim continuam

consumindo sem nunca se satisfazerem. As pulsões são submetidas ao desejo de consumo, desta forma elas são sempre estimuladas, mas não são satisfeitas nem sublimadas.

O fim do desespero geral condiciona-se à esperança de que, ao comprar determinada mercadoria, o indivíduo obtém concomitantemente os atributos propagados pelos comerciais de rádio, cinema e, principalmente, televisão. (ZUIN, PUCCI, OLIVEIRA, 2000, p.63)

Adorno e Horkheimer fazem uma alusão ao mito de Tântalo para ilustrarem esta situação. Tântalo desafiou os deuses e como castigo foi condenado a ser prisioneiro em um jardim, neste jardim aparecem objetos de seu desejo, porém, sempre que ele se aproxima destes objetos para tocá-los eles desaparecem. O mesmo ocorre com a felicidade prometida através das mercadorias, ela é exposta mas nunca é realmente concretizada. Esse ciclo sem fim do consumo anula as perspectivas da formação para a emancipação, atrofia os potenciais formativos e torna mais difícil o amadurecimento do homem.

O controle social não ocorre mais pela repressão do id como ocorria no modelo liberal baseado nas autoridades tradicionais, mas sim por sua liberação. “O Id está Livre”. Isto é um sinal da perda de figuras de autoridade no processo formativo, pois estas faziam a imposição do princípio de realidade possibilitando assim o controle do Id.

Na Indústria Cultural a forma de recalque é a exposição de tudo aquilo que estimule o Id, violência, sexo, e “satisfação” imediata das pulsões. “As obras de arte são ascéticas e sem pudor, a indústria cultural é pornográfica e puritana”(Adorno, Horkheimer, 1985, p.131) Isto reforça a fragilização do ego e constitui uma manipulação invisível, pois o Id só é liberado com uma condição, a submissão do indivíduo ao todo.

As forças do desejo são desencadeadas, com a condição de colocarem sua liberdade a serviço do Todo. O indivíduo, reduzido a seu Id, identifica-se sem dificuldades com esse Todo, que o manipula de forma tão científica que a manipulação se torna invisível. (ROUANET, 1989, p.126)

O uso controlado dos prazeres é uma forma de repressão. O Id é constantemente estimulado com a promessa de satisfação imediata das pulsões, porém, esta promessa nunca se cumpre, ocorre a manipulação e a administração da libido no sentido de se desfazer a tensão existente entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A obliteração forçada desta tensão gera a falsa satisfação do prazer, esta resulta na submissão voluntária, deste modo se realiza a dessublimação repressiva, ela “ opera como o

subproduto dos controles sócias da realidade tecnológica, que amplia a liberdade enquanto intensifica a dominação”(Marcuse, 1973, p.82).

A dessublimação gera a submissão voluntária, já a sublimação mantém viva a consciência da repressão que a sociedade impõe, ou seja, mantém consciente a tensão entre o princípio de prazer e o princípio de realidade.

Em contraste com os prazeres da dessublimação ajustada, a sublimação preserva a consciência das renúncias que a sociedade repressiva inflige ao indivíduo, e assim preserva a necessidade da liberação... De fato, toda a sublimação aceita a barreira social à satisfação instintiva, mas também transpõe esta barreira. (MARCUSE, 1973, p.85)

No auge do capitalismo liberal o indivíduo não era totalmente diluído no todo, a mediação com o todo era realizada pelo Superego, segundo Freud este era responsável por advertir e proibir o ego em determinadas situações:

quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (FREUD, 2011, p.43)

O superego, que deveria ter o domínio sobre o ego como consciência moral, é fragilizado na fase tardia do capitalismo, não ocorre mais superação do complexo de Édipo, isto porque os pais, não possuindo a mesma autoridade de antes, têm suas tarefas transferidas pra instancias extrafamiliares. O que ocorre agora é que na relação dos indivíduos com o todo não existe mais a mediação do superego, o Id é estimulado diretamente através da repetição das mensagens e propagandas da indústria cultural, assim o indivíduo é dominado por tal relação.

A Indústria Cultural tem fortíssima influência sobre a formação dos indivíduos, pois, desde o nascimento e por toda a vida os homens são alvos de uma avalanche de informações e mensagens.

Assim como a criança repete as palavras da mãe, e os mais jovens as maneiras grosseiras dos mais velhos que os submetem, assim também o alto-falante gigantesco da cultura industrial, berrando através da recreação comercializada e dos anúncios populares – que cada vez menos se distinguem uns dos outros – reduplicam infinitamente a superfície da realidade. (HORKHEIMER, 1976, p.153)

Assim como grandes líderes de grupos fascistas surgiram na primeira metade do século XX (Hitler, Mussolini, etc.), na segunda metade deste mesmo século a indústria

cultural surge como substituta desses líderes, ela tem grande poder de controle sobre as pessoas pois também se aproveitada decadência da autoridade.

A autoridade tradicional (pai, professor), contudo, foi enfraquecida na passagem da sociedade liberal para a sociedade administrada, mas como a necessidade da autoridade não declinou tal como a própria autoridade, os líderes que aparecem são seus substitutos. (CROCHIK, 2009, p.40)

Podemos dizer que esta dominação da cultura de massas é uma violência simbólica, muito sutil, que ocorre de maneira inconsciente desde a infância, como o pai não é mais o ideal a ser imitado a criança encontra esse modelo em outros lugares, como na TV, cinema, internet, ou seja, a autoridade é imposta pela indústria cultural, e seus personagens substituem a figuras de autoridade tradicionais.

a sociedade moderna teria abolido a família como instância de socialização primária, quadro em que se desdobra, para Freud, a seqüência ontogenética, desde a fase oral até a fálica e a genital, com a introjeção do sistema normativo correspondente a cada fase. O indivíduo passa a ser socializado por instâncias extrafamiliares, em especial pelo *media*. (ROUANET, 1987, p.368)

No fragmento intitulado “Sobre a gênese da burrice”, presente na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno nos explica em poucas palavras que a evolução intelectual do homem necessita de sua *livre* exposição a diversas experiências, portanto o intelecto evolui conforme é exercitado de forma livre. A gênese da burrice aconteceria então mediante a paralisação da capacidade intelectual, ora, é exatamente isso que a indústria cultural faz através de suas constantes repetições, pelo uso de clichês e fórmulas prontas ela paralisa o intelecto inibindo assim seu desenvolvimento.

A partir disto o papel da escola, por exemplo, fica muito prejudicado, pois, ao iniciar sua vida de estudante o jovem já traz consigo uma bagagem intelectual e hábitos obtidos pela exposição aos diversos meios de comunicação. Esta bagagem molda seu modo de pensar, seu gosto, enrijece sua capacidade intelectual; uma vez que durante a infância a família não propiciou a identificação e a projeção da maneira como elas deveriam ser, com o aparato psíquico fragilizado a estrutura cognitiva do indivíduo não é desenvolvida visando uma postura reflexiva e crítica, mas sim interioriza tudo o que lhe é apresentado como natural. Nesta situação compreendemos que:

A tarefa das massas em nossos dias consiste não em aferrar-se aos padrões coletivos tradicionais, mas sim em conhecer e oferecer

resistência aos padrões monopolistas que se infiltram em suas próprias organizações e afetam, individualmente, as suas mentes. (HORKHEIMER, 1976, p. 157)

No capitalismo tardio o indivíduo deve se subordinar à pressão social para ser aceito. Por todos os lados recebemos mensagens e exemplos de como devemos nos comportar, o que devemos comer, entre outras recomendações, ir contra estas diretrizes faz com que o indivíduo não consiga se relacionar com as pessoas por estar fora dos padrões, deste modo ele é deixado à margem da sociedade.

Esta pressão social é bem mais forte se comparada àquela exercida pela autoridade do pai no auge do capitalismo liberal. Embora nenhuma das duas situações seja ideal, no confronto com a autoridade paterna existia a possibilidade de amadurecimento através da superação do Complexo de Édipo, ou seja, as frustrações e ressentimentos do indivíduo podiam ser superadas através da elaboração racional de suas experiências. No capitalismo tardio a estrutura social oprime os indivíduos de modo muito mais rígido, e ao mesmo tempo sutil, não permitindo elaboração racional nem amadurecimento, o tipo de opressão é diferente, e muito mais perigoso por modificar os indivíduos a partir de seu interior, realizando uma dominação inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas reflexões compreendemos que devido a essa conjuntura de crise na formação é necessário refletirmos sobre os motivos que causam tal crise, quais acontecimentos históricos nos trouxeram até este ponto, para que conscientes deste passado compreendamos melhor a situação atual. Tendo elaborado o passado e compreendido as contradições sociais, nossa postura com relação à realidade estará mais bem orientada para a superação dos problemas atuais.

Ao tratar a questão da autoridade Adorno analisa as mudanças que vêm ocorrendo ao longo do processo histórico, a existência de relações de autoridade sempre estiveram presentes de diferentes formas na história da civilização, ou de uma forma racional que incentivava a autonomia, ou de um modo não esclarecido e opressor sem finalidades humanas. Analisando mais especificamente as relações de autoridade a partir do auge do capitalismo liberal até o presente percebemos que a questão do papel da autoridade na primeira infância e seu declínio no último século é um ponto de fundamental importância para compreendermos melhor a situação precária do processo de formação na atualidade, e pensarmos em como estabelecer uma formação que fortaleça a individualidade e a capacidade de resistência sem apresentar uma postura de autoridade não esclarecida, pois esta última pode gerar o fascismo.

O próprio fato de se viver em uma sociedade civilizada implica ao homem uma condição de subordinação a determinadas leis, todavia, o importante é que esta subordinação não anule a individualidade do sujeito, fazendo com que ele tenha a possibilidade de desenvolver plenamente suas capacidades cognitivas, físicas e artísticas. “A construção de um *ego* sadio e de uma sociedade mais justa depende do estranhamento da subjetividade em relação ao mundo fenomênico e da sua consequente objetivação e reapropriação, fornecendo as bases estruturais da cultura.” (Zuin, Pucci, Olivceira, 2000, p.58)

Na atualidade ocorre o predomínio da semiformação uma vez que os indivíduos não têm uma relação direta com a cultura, pois, a indústria cultural substitui as figuras de autoridade que faziam a mediação entre a cultura e o indivíduo, agora ela apenas apresenta conteúdos superficiais, mensagens padronizadas, impedindo qualquer estranhamento e reapropriação do mundo, o resultado disto é a semiformação.

O embate com a autoridade é necessário para que possamos adentrar e nos orientar no interior da sociedade, porém não devemos nos paralisar neste momento de submissão, é preciso superá-lo, pois através do amadurecimento o sujeito deveria estar apto a questionar seus ideais e a realidade ao seu redor. Quando ele se depara com momentos de injustiça e opressão durante sua vida ele deveria poder se colocar contra tais situações, sabendo resistir, não rompendo totalmente com a sociedade, mas através de sua resistência apontar para uma possível mudança social.

Diante desta situação é preciso que exista a consciência do caráter dialético da formação, este consiste em impor limites para gerar a liberdade, utilizar a autoridade para possibilitar a autonomia.

uma formação bem sucedida não é, porém, aquela que reconcilia as contradições objetivas no engodo da harmonia, mas sim a que exprime negativamente a idéia de harmonia, ao imprimir na sua estrutura mais íntima, de maneira pura e firme, as contradições. (ADORNO, 2007, p.98)

O sujeito se forma a partir dos modelos de autoridade e das tradições, porém, estas tradições não deveriam limitá-lo, mas sim impulsioná-lo a transpor a realidade imediata, que se apresenta com problemas e contradições, para uma situação mais esclarecida.

É necessário ter força para resistir à pressão social, porém, é preciso compreender que nos formamos dentro da sociedade, e em certa medida somos fruto de algumas experiências repressivas.

“Observamos a antítese entre desejo e sociedade desde os primórdios da história da humanidade.” (Zuin, Pucci, Oliverira, 2000, p.66) Mediante esta constatação entendemos a grande importância em estudar o tema da autoridade e sua relação com o processo formativo, a figura de autoridade tem a difícil tarefa de reprimir os desejos para submetê-los a uma maneira racional de comportamento que é aceita socialmente. Esta tarefa é extremamente complexa, ela pode causar inúmeros conflitos para o indivíduo, e estes se exteriorizam de forma diversas como preconceito, neurose, paranoia e comportamento violento.

A subordinação dos indivíduos ao *status quo* efetuada pela indústria cultural, além de levar os indivíduos a um estado de semiformação, causa complicações na dinâmica psicológica dos indivíduos, pois, ao passo que ela estimula as pulsões e promete a sua satisfação, ela não cumpre suas promessas e submete o indivíduo sob sua lógica de dominação. Isto gera frustração, insatisfação. Esta situação pode ser motivo para os

indivíduos adotarem determinados comportamentos preconceituosos e violentos do tipo fascista, como um modo de racionalizar e extravasar sua insatisfação.

Desta forma compreendemos que a sociedade atual, apesar de demonstrar um avanço surpreendente na área científica e tecnológica, ainda não avançou no que concerne às questões humanas, questões referentes às pulsões e ao amadurecimento psicológico dos indivíduos. É este o tema presente no livro *Dialética do Esclarecimento*, o caráter ambíguo do esclarecimento é que mesmo em uma sociedade em desenvolvimento existe a regressão.

É no capitalismo que o esclarecimento aferra-se ainda mais à sua contradição imanente: nunca houve na história da humanidade um período como esse, no qual o progresso incalculável das forças produtivas fosse atrelado a uma degradação inédita tanto da natureza externa quanto da natureza interna. O devaneio da formação, que representa o ápice do desejo de reconciliação do esclarecimento com sua própria contradição interna, sobreviverá apenas no plano ideológico na sociedade do capitalismo tardio. (ZUIN, 1999, p.15)

Vivemos em uma situação de pleno desenvolvimento científico, porém, não sabemos utilizar esse desenvolvimento a favor do desenvolvimento social, pois não compreendemos e não sabemos lidar com nossas próprias pulsões e sentimentos. Esta seria a contradição interna do esclarecimento, ao passo que ele liberta os homens da subordinação às forças da natureza e impulsiona o desenvolvimento técnico e científico, ele faz isto à custa da dominação do próprio homem e de sua natureza interna através da repressão das pulsões.

Uma vez que esta repressão se realiza de forma violenta, forçada, que não seja consciente para o indivíduo e não possibilite a ele a sublimação de suas pulsões, desta forma ela pode gerar uma relação de dependência entre progresso e barbárie, é isto o que ocorre no processo do esclarecimento. A chave para uma vivência consciente dos indivíduos com suas pulsões poderia ser a relação com figuras de autoridade maduras e esclarecidas desde a primeira infância, porém na sociedade atual estas figuras estão desaparecendo.

Referências:

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Mínima Moralidade: reflexões a partir da vida danificada**. Tradução Luiz Eduardo Bicca; Revisão da Tradução Guido de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1993.

_____. **Teoria da Semiformação**. In: **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Tradução Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Claudia B. M. de Abreu. Campinas: Autores associados, 2010.

_____. **Liderança democrática e manipulação de massas**. Traduzido por Francisco Rüdiger. In <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno25.htm>>. Acesso em 22 de agosto de 2009.

_____. **La personalidad Autoritaria**. Buenos Aires: Editora Proyección, 1965.

_____. Crítica Cultural e Sociedade. In: **Industria Cultural e Sociedade**. Tradução Augustin Wernet e Jorge Matos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

_____, & HORKHEIMER, Max. Sociologia da Família. In: **Dialética da família**. Introdução e organização Massimo Canevacci. Tradução Celso Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____, & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

BOLLE, Willi. A idéia de formação na modernidade. In: **Infância escola e modernidade**. (Org.) Paulo Ghiraldelli Jr. São Paulo: Cortez Editora; Curitiba: Editora UFPR, 1996.

BUENO, S. F. Da dialética do esclarecimento à dialética da educação. In **Revista Educação-Especial Adorno Pensa a Educação**. 6. ed. Osasco: Editora Segmento, 2009.

Crianças preferem consultar o Google que a seus próprios pais. **MSN Tecnologia**. Disponível em: < <http://tecnologia.br.msn.com/noticias/crian%C3%A7as-preferem-consultar-o-google-que-a-seus-pr%C3%B3prios-pais-diz-pesquisa>>. Acesso em 15 de maio de 2012.

CROCHIK, J. L. Educação para a resistência contra a barbárie. In **Revista Educação-Especial Adorno Pensa a Educação**. 10. ed. Osasco: Editora Segmento, 2009.

_____. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. In **Revista Psicologia USP**. São Paulo, v. 21, n. 1. 2010.

DUARTE, Rodrigo. **Esquematismo e Semiformação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a07v2483.pdf>>. Acesso em 8 de novembro de 2009.

FREUD, S. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976 A.

_____. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976 B.

_____. Da horda primitiva à família. In **Dialética da família**. Introdução e organização Massimo Canevacci. Tradução Celso Nelson Coutinho. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Moisés e o Monoteísmo**. Tradução Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2001.

_____. O EU E O ID. In **Sigmund Freud: Obras Completas vol. 16**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Gagnebin, J. M. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Ed. Labor, 1976.

_____. Autoridade e Família. In: **Teoria Crítica: uma documentação**. Tradução Hilde Cohn. São Paulo: Ed Perspectiva, 1990.

JAY, Martin. **La imaginación dialéctica**. Versão espanhola Juan Carlos Curutchet. Madrid: Taurus Ediciones, 1986.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: Que é Esclarecimento? In: **Textos seletos**. Tradução Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

_____. **Sobre a Pedagogia**. Tradução Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Ed Unimep, 1996.

MAAR, W. L. Adorno, Semiformação e Educação. In: **Revista educação e Sociedade** 83, v. 24, ago. 2008.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade vol. 2**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998.

_____. **A ideologia da sociedade industrial – O homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1973.

_____. A noção de progresso á luz da psicanálise. In: **Cultura e Sociedade**. Tradução Isabel Loureiro. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

_____. Estudo sobre a Autoridade e a Família. In: **Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade**. Tradução Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

_____. **Eros e Civilização, Uma Crítica Filosófica ao Pensamento de Freud**. Tadução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria da crítica da educação. In: **Educação Danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis: Editora Vozes; São Carlos: Editora UFSCar, 1998.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e Poder na Família. In: **A Família Contemporânea em Debate**. Organização Maria do Carmo Brant de Carvalho. São Paulo: Educ Editora e Cortez Editora, 2000.

ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria Crítica e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

ZUIN, A. A. S. **Indústria Cultural e Educação: O Novo Canto da Sereia**. Campinas: Autores Associados, 1999.

ZUIN, A. A. S., PUCCI, B., OLIVEIRA, N. R. **ADORNO – O poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.